Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Quinta-feira **19.9.2024** / Diário / Ano 160.º / N.º 56 763 / **€ 1,50** / Diretor **Filipe Alves** Diretores Adjuntos **Leonídio Paulo Ferreira, Nuno Vinha e Valentina Marcelino**

SIRESP entra na fase crítica dos fogos sem liderança há quatro meses

Sistema de comunicação de emergência entrou na fase crítica de incêndios a ser dirigido por vogais da direção. Mas sucessor de Paulo Viegas Nunes não será nomeado para já, sabe o DN. Governo aguarda auditoria à anterior gestão. Os incêndios no norte e centro continuam e já fizeram cinco mortos e quase 150 feridos. Desde domingo arderam mais de 100 mil hectares em todo o país.

PÁGS. 4-5

Comissão
Maria Luís Albuquerque está "satisfeita" e deve ter uma aprovação "pacífica"

PÁG. 6

Estudo
Portugal precisa de 138 mil novos imigrantes por ano para ganhar riqueza

PÁG. 13

Cartel da banca
Bancos pedem ao tribunal absolvição de multas de 225 milhões

PÁG. 15

Sabotagem eletrónica
Duplo golpe ao Hezbollah quando Israel anuncia nova fase da guerra

PÁGS. 18-19

Ataque com faca na escola. O dia seguinte na Azambuja

PÁG. 12

LEONARDO NEGRÃO

Alta tensão Portugal/ Israel. MNE proibiu sobrevoo para Telavive

PÁGS. 8-9

Liga dos Campeões Benfica volta ao *Maracanã* de Belgrado e Bruno Lage espera ir mais longe do que foi em 2019-20 PÁG. 22

Cinema Festival *Queer* propõe viagem estética e filosófica PÁG. 26

Editorial

Nuno Vinha
Diretor-Adjunto do Diário de Notícias

O funil

O ataque protagonizado por um pré-adolescente de 12 anos numa escola da Azambuja, no qual feriu seis alunos, deve obrigar-nos a todos, enquanto sociedade, a uma reflexão sobre o estado da saúde mental na infância e na adolescência. A saúde mental é especialmente crítica nas idades referidas, uma vez que é aqui que se começa a desenvolver (e a sedimentar) a personalidade e a capacidade de aprender, mas também as competências de gestão emocional e de relacionamento social.

Uma análise fria aos números é de gelar qualquer pai. Um em cada seis jovens europeus entre os 10 e os 19 sofre de algum tipo de transtorno mental. São nove milhões de adolescentes europeus que têm de lidar com perturbações do foro mental, sobretudo ansiedade e depressão.

A saúde mental começa em casa e na relação familiar, mas a escola é um local apropriado para prevenir e lidar com este tipo de problema, desde que tenha psicólogos para ajudar os jovens no seu desenvolvimento. As escolas têm estes profissionais, mas estão longe de conseguir dar a atenção necessária a todos os alunos que necessitam. Atualmente, segundo cálculos da Ordem dos Psicólogos, existe um profissional para mais de 700 alunos. A métrica não se afasta muito da recomendação internacional, mas a disparidade de acesso em todo o país preocupa, com prejuízo para os jovens das regiões interiores ou mais pobres. As crianças com necessidades educativas especiais enfrentam um cenário ainda pior.

Resta o elefante na sala: qual o papel do Sistema Nacional de Saúde? O SNS não está a conseguir (se é que alguma vez conseguiu) proporcionar o acesso a psicólogos aos utentes. Nas Unidades de Cuidados de Saúde Primários há um psicólogo por cada 20 mil pessoas. Especificamente, nos Centros de Saúde há um para cada 40 mil utentes. Por outras palavras, é quase certo que aqui não haverá resposta, nem prevenção, nem um ataque precoce aos problemas.

Nas Unidades de Cuidados de Saúde Primários há um psicólogo por cada 20 mil pessoas. Especificamente, nos Centros de Saúde há um para cada 40 mil utentes. Por outras palavras, é quase certo que aqui não haverá resposta, nem prevenção."

O funil desemboca na escola, onde – se existir – o psicólogo de serviço terá de lidar com problemas já há muito implantados. Isto enquanto acumula com as funções obrigatórias de aconselhamento profissional aos adolescentes.

Ainda não estão identificados – se é que alguma vez estarão – os motivos que levaram um miúdo de 12 anos a atacar colegas com uma faca, na Azambuja. Mas é seguro assumir que, por trás de qualquer que seja o motivo, há um desequilíbrio mental que lhe dá forma e o contextualiza. Será também irrealista achar que o incidente seria evitado com um batalhão de psicólogos em cada escola: não há rede com malha apertada o suficiente para evitar todos os problemas.

Mas face à dimensão do problema de saúde mental na infância, o Estado tem de fazer mais, tem de fazer tudo ao alcance das suas possibilidades, para não deixar para trás, e precocemente, os adultos portugueses de amanhã.

OS NÚMEROS DO DIA

12 574

AUTOMÓVEIS PRODUZIDOS
em Portugal até agosto, no que representa um aumento de 8,3% face ao período homólogo, segundo dados ontem divulgados pela Associação Automóvel de Portugal (ACAP).

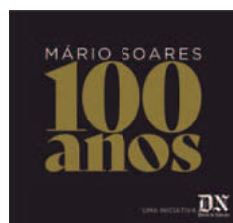
10,8

mM€ EM DEFESA
é quanto o Parlamento ucraniano aprovou ontem. São mais 500 mil milhões de grívnias, para cobrir as necessidades de financiamento do Exército até ao final do ano, indicaram fontes governamentais e parlamentares.

894

JOVENS COM APOIO À CASA
por terem recorrido às ajudas para aquisição de Habitação Jovem desde que a medida entrou em vigor em agosto, anunciou ontem a ministra da Juventude e Modernização.

2%

DE AUMENTO
dos preços na produção industrial em agosto, em termos homólogos, segundo o Instituto Nacional de Estatística, com uma taxa superior em 0,1 pontos percentuais face a julho, excluindo o agrupamento "energia". Este, por sua vez, abrandou 1,5 pontos percentuais, para uma variação de 1,5%.

19.9.2024

Direção: Filipe Alves (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira, Nuno Vinha e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Alexandra Tavares-Teles, Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, Filipa Rodrigues e João Coelho **Dinheiro Vivo** Filipe Alves (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves ***E-mail* geral da redação** dnot@dn.pt ***E-mail* geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em *www.dn.pt*. Tiragem média de fevereiro 2024: 6 084 exps.

Em Gondomar, as chamas destruíram várias oficinas, incluindo automóveis.

PAULO NOVAIS / LUSA

IMPASSE

SIRESP sem presidente há quatro meses. Governo aguarda auditoria à anterior gestão

GESTÃO Polémico sistema de comunicação de emergência entrou na fase crítica de incêndios a ser liderado por vogais da direção. Mas sucessor de Paulo Viegas Nunes não será nomeado para já. Os incêndios no norte e centro já fizeram cinco mortos e quase 150 feridos.

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO**

Foi no final de março que o brigadeiro general Paulo Viegas Nunes deixou a presidência da SIRESP, S.A., a empresa que gere a rede de comunicações de emergência do Estado. Mas desde então o seu sucessor ainda não foi anunciado e o cargo de gestão da rede está a ser partilhado por vogais civis, sem experiência na matéria.

Apesar desta situação e da entrada no período crítico de incêndios, a nomeação do presidente da empresa, que é responsabilidade dos ministérios da Defesa e da Administração Interna, ainda não aconteceu. Tudo porque, ao que o DN apurou, o Governo aguarda os resultados de uma auditoria pedida ainda pelo anterior Executivo à Inspeção-Geral de Finanças (IGF) à anterior gestão da empresa. Só depois de conhecido o desfecho dessa análise (que se foca, entre outros, nas contas da SIRESP, S.A.) é que o Governo nomeará o sucessor de Paulo Viegas Nunes – que, entretanto, regressou a funções militares e tomou posse como chefe de gabinete do Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas.

Chuva pode voltar a partir de hoje

O perigo de incêndio rural vai desagravar a partir de hoje, dia em que são esperados aguaceiros em Portugal. No entanto, só deverão chegar amanhã às regiões mais afetadas pelos incêndios (Norte e Centro), ainda que o Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA) aponte possibilidade de chuva em distritos como Coimbra e Guarda já hoje. As previsões apontam para uma descida da temperatura, desde ontem, e com alguma entrada de humidade. As temperaturas máximas já começaram a descer, com uma variação de 4 a 6ºC. "Tudo conjugado acaba por fazer com que o risco de incêndio comece a ter um desagravamento", disse à Lusa a meteorologista Patrícia Gomes.

O sistema SIRESP terá voltado a falhar, pelo menos "durante 30 horas", segundo disse ao DN fonte no terreno. Proteção Civil e MAI não confirmam. Mas as falhas são históricas e já custaram vidas.

Ainda assim, a rede de comunicações de emergência do Estado tem sido utilizada durante os incêndios que continuam a assolar o país desde domingo. E, apesar de fonte no terreno ter apontado ao DN que esteve sem SIRESP "durante 30 horas", quer a Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil (ANEPC), quer o Ministério da Administração Interna (MAI) negaram falhas no sistema "nos diferentes teatros de operações", apesar do "número elevado de solicitações".

Fonte do MAI adiantou ainda ao DN que o vazio no cargo de presidente "não afeta" a operacionalidade, porque a empresa "tem um conselho de administração em funções".

Rede tem histórico de falhas em alturas críticas

Não obstante o desmentido destas alegadas falhas recentes, o Sistema Integrado de Redes de Emergência e Segurança de Portugal (SIRESP) tem um histórico de problemas.

Em junho de 2017, por exemplo, durante os incêndios de Pedrógão Grande (que provocaram 66 mortos e mais de 250 feridos) as chamas destruíram as antenas de comunicações e o SIRESP foi imediatamente abaixo. Isto significou que bombeiros e outras autoridades deixaram de conseguir comunicar entre si. O problema resolveu-se depois de uma operadora de telecomunicações ter colocado no terreno carros equipados com antenas móveis.

Outro caso, em 2013, resultou na morte de dois bombeiros em Carregal do Sal. "Se o sistema funcionasse, os gritos de um dos intervenientes para tentar alertar aquela equipa não seriam gritos, seriam comunicações via rádio. E os meios aéreos também não tinham contacto, não tinham forma de alertar aquela equipa", explicou o presidente da Associação de Proteção Civil, João Paulo Saraiva. O caso foi conhecido após uma reportagem da TVI, transmitida em janeiro de 2014, onde se denunciavam falhas na rede SIRESP.

O próprio João Paulo Saraiva afirmou, em reação aos incêndios de Leiria (2022), que a rede "falha todos os dias" e não apenas em situações pontuais. Também aí o Governo negava a existência de problemas na rede. Nessa altura, a secretária de Estado da Proteção Civil, Patrícia Gaspar, dizia não ter havido falhas. "Foi, digamos, um teatro de operações de grande complexidade, com muitos operacionais, estamos a falar de centenas de operacionais, em que houve, em determinados momentos, uma má utilização dos equipamentos de rádio", explicava a então governante.

Meios espanhóis reforçados no combate ao fogo

Com a Região Norte e Centro do país a serem fustigadas pelos incêndios desde a madrugada de domingo, o dia de hoje ainda se prevê "de elevada complexidade", segundo o comandante nacional da Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil (ANEPC).

No último ponto de situação que fez, pelas 20.00 horas de ontem, o responsável anunciou ainda que, perante as dificuldades que se adivinham, haverá um "reforço operacional" dos meios espanhóis que já se encontram em Portugal no combate às chamas.

Recusando para já fazer um balanço da área ardida (que o observatório europeu *Copernicus* já aponta para mais de 106 mil hectares nos últimos dias), André Fernandes anunciou ainda que, até então, os incêndios tinham vitimado 150 pessoas, entre cinco mortes e 145 feridos. Houve ainda outros dois óbitos – de uma idosa, em casa, e de um homem na via pública – que, explicou, não são contabilizados por serem vítimas indiretas dos fogos (*ver caixa*).

Ainda ontem, o presidente da Liga dos Bombeiros Portugueses, António Nunes, pediu a demissão dos responsáveis pela coordenação técnica operacional, após a morte de três bombeiros. Segundo o dirigente (que falava no funeral dos operacionais), o sistema de coordenação falhou.

Com VALENTINA MARCELINO

Os incêndios em números

MAIS 100 MIL HECTARES ARDIDOS DESDE DOMINGO

Em apenas quatro dias, desde domingo, a área ardida em Portugal Continental ultrapassava, ao início da tarde de ontem, os 106 mil hectares, segundo o sistema europeu *Copernicus*. O cenário infernal destes dias fez com que a área ardida no total do ano tenha chegado já aos 139 mil hectares, fazendo de 2024 o terceiro pior ano dos últimos dez no que respeita a incêndios, apenas atrás de 2016 e 2017.

PAULO NOVAIS / LUSA

Passadiços do Paiva, em Arouca, foram atingidos pelo fogo.

CINCO MORTES E QUASE 150 FERIDOS

A Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil (ANEPC) contabiliza cinco mortos provocados pelos incêndios do norte e centro do país desde segunda-feira, realçando ainda a existência de 145 feridos, dos quais 12 em estado grave. Houve outros dois óbitos em zonas de incêndios, mas por "doença súbita", não sendo contabilizados como vítimas diretas dos incêndios, segundo o comandante da Proteção Civil, André Fernandes.

TRÊS REGIÕES CONCENTRAM 71% DA ÁREA QUEIMADA

As zonas mais afetadas pelas chamas localizam-se nas regiões de Aveiro, Tâmega e Sousa e Viseu-Dão-Lafões, que totalizavam ao início da tarde de ontem 75 645 hectares de área ardida, 71% da área queimada em todo o território nacional desde domingo. A partir de hoje e sobretudo amanhã, segundo o IPMA, chegam pingos de esperança no combate aos fogos, com previsão de aguaceiros.

HÁ 74 INCENDIÁRIOS PRESOS

Setenta e quatro pessoas estão atualmente presas por crimes de incêndios florestais, informou a Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais, em resposta à Agência Lusa. Existem no Sistema Prisional 58 reclusos condenados e 16 outros preventivos a aguardar julgamento. A Polícia Judiciária disse na segunda-feira que já deteve pelo menos 29 pessoas por suspeitas de incêndio florestal em 2024.

JOSÉ COELHO / LUSA

Em Gondomar, as chamas não deram tréguas aos bombeiros.

PS disponível para alterar leis que PSD ache necessário

O secretário-geral do PS disponibilizou-se para "apoiar o Governo naquilo que for necessário" no combate aos incêndios, designadamente alterações legislativas, e considerou que este ainda não é o tempo para se tirarem ilações políticas.

Em declarações no Parlamento, Pedro Nuno Santos defendeu que "este é o momento de união, de unidade" e não de se fazer "críticas ao Governo", salientando que devem estar todos mobilizados "no combate aos fogos, no apoio às populações".

"Aproveito para disponibilizar o PS para apoiar o Governo naquilo que for necessário e disponibilizar também o PS para as alterações legislativas e políticas que vierem a concluir-se ser necessárias", afirmou.

No passado, "muita coisa foi feita, umas "correram bem, muitas outras coisas correram mal", considerou, acrescentando que é preciso "fazer a cada momento a avaliação crítica" e "ter a capacidade de repensar". Um "consenso alargado" é "muito importante" e o PS está disponível para isso, reiterou.

No plenário de ontem, os deputados e os membros do Governo aplaudiram de pé a mensagem de José Pedro Aguiar-Branco, dirigida aos familiares e amigos das vítimas dos incêndios no país. O presidente da Assembleia da República salientou os momentos difíceis que se têm vivido em Portugal, mas acentuou que "a democracia não pode parar nem nos bons, nem, sobretudo, nos maus momentos".

"Quero uma vez mais – e julgo que o posso fazer em nome de todas e todos os senhores deputados – apresentar as nossas condolências às famílias e amigos de todos aqueles que perderam a vida na defesa dos seus bens e na defesa de todos nós. Estou certo de que o seu exemplo não será esquecido", declarou.

DN/LUSA

Albuquerque reuniu-se ontem com o resto da futura Comissão.

OLIVER HOSLET / EPA

Maria Luís Albuquerque está "satisfeita" e deve ter uma aprovação "pacífica"

EUROPA Candidata a comissária europeia conta a seu favor com o aval de Ursula von der Leyen, o conhecimento da pasta e o facto de haver candidatos mais óbvios aos raros "chumbos" do Parlamento Europeu.

TEXTO **LEONARDO RALHA**

Designada para a pasta dos Serviços Financeiros e União da Poupança e do Investimento na próxima Comissão Europeia, a ex-ministra das Finanças, Maria Luís Albuquerque, deve ter pela frente uma aprovação "pacífica" no Parlamento Europeu. Apesar das reticências que o seu perfil e experiência governativa causam nos eleitos de esquerda, o conhecimento da pasta que lhe foi atribuída e o aval da reconduzida Ursula von der Leyen permitem que a sua confirmação seja vista como "pacífica".

Ontem, em Bruxelas, ao entrar para uma reunião com a presidente da Comissão Europeia e os restantes candidatos a comissários, Maria Luís Albuquerque limitou-se a dizer "estou satisfeita", anunciando que não fará mais declarações até passar pelo crivo dos eurodeputados.

As audições de confirmação dos 26 nomes apresentados por Ursula von der Leyen irão começar em outubro, com o objetivo de a nova Comissão Europeia tomar posse a 1 de dezembro. E, embora a presidente do Parlamento Europeu, Roberta Metsola, ter garantido que "o escrutínio não vai ser fácil", Albuquerque tem a seu favor a pertença do PSD ao Partido Popular Europeu, que continua a ser a família política com maior número de eurodeputados. Ainda que esses votos sejam manifestamente insuficientes para garantir a maioria, também se espera o apoio dos liberais do Renew Europe, e têm sido assinaladas declarações positivas de eleitos portugueses de outras áreas, como o socialista Francisco Assis, com o Chega a reconhecer competência à ex-ministra das Finanças para desempenhar as funções que lhe foram atribuídas. E que correspondem ao seu percurso académico e governativo, embora fomentem críticas como as do porta-voz do Livre, Rui Tavares, para quem Maria Luís Albuquerque será "mais comissária da Goldman Sachs do que de Portugal".

> As audições de confirmação dos 26 nomes apresentados por Ursula von der Leyen irão começar em outubro, com o objetivo de tomarem posse a 1 de dezembro.

Havendo a "tradição" de o Parlamento Europeu deixar pelo caminho poucos nomes escolhidos para a Comissão Europeia (*ver texto ao lado*), a portuguesa não se encontra entre os mais óbvios candidatos a que tal aconteça. Além do provável futuro vice-presidente para a Coesão e Reformas, Raffaele Fitto, membro dos Irmãos de Itália de Giorgia Meloni, acusado de ser "ponta de lança da extrema-direita", o alvo mais evidente é o húngaro Olivér Várhelyi, do Fidesz de Viktor Orbán, que foi comissário do Alargamento, e a quem foi agora destinada a pasta da Saúde e Bem-Estar dos Animais.

AFASTADOS

ROCCO BUTTIGLIONE
Escolhido por Berlusconi para a Comissão Europeia de Durão Barroso, em 2004, o democrata-cristão italiano foi o primeiro designado a não passar o crivo do Parlamento Europeu. Por apenas um voto, e após o escolhido para a Justiça dizer, na audição, que via a homossexualidade como "um pecado" e que o papel das mulheres é no lar.

RUMIANA JELEVA
À búlgara, escolhida para comissária europeia da Cooperação Internacional, nem a pertença ao Partido Popular Europeu bastou para apagar as dúvidas quanto à relação com uma empresa de consultoria. Além disso, também lhe foi apontada falta de conhecimento quanto a ajuda humanitária.

ALENKA BRATUSEK
Era a primeira-ministra da Eslovénia e deveria ter sido a vice-presidente com a pasta da Energia na Comissão Europeia de Jean-Claude Juncker, mas o Parlamento Europeu considerou que lhe faltava experiência e a liberal chumbou, provocando várias alterações de pastas em 2014.

SYLVIE GOULARD
Apontada por Emmanuel Macron para a primeira equipa de Ursula von der Leyen, em 2019, teve forte oposição do Partido Popular Europeu à sua nomeação para a pasta do Mercado Único. Acabou por ser afastada por dúvidas quanto à sua relação com um *think tank*.

ROVANA PLUMB
A socialista romena, nem pôde chegar à inquirição, pois o Comité de Assuntos Legais pôs em causa, entre outros casos, uma doação ao seu partido após receber um empréstimo de um milhão de euros.

LÁSZLÓ TRÓCSÁNYI
Primeira escolha de Viktor Orbán, o húngaro que devia ter sido comissário europeu do Alargamento também foi chumbado à partida devido aos negócios da sociedade de advogados que fundou com o Governo do seu país.

GERARDO SANTOS / GLOBAL IMAGENS

Ventura disse que parte dos que viriam a Lisboa poderão estar em operações de rescaldo.

Incêndios levam Chega a adiar manifestação

IMIGRAÇÃO Ventura justificou com os fogos remarcação do protesto para dia 29. E admitiu temer efeito na mobilização.

TEXTO **LEONARDO RALHA**

A manifestação convocada pelo Chega "contra a insegurança e a imigração descontrolada", que deveria realizar-se neste sábado, em Lisboa, foi adiada para o domingo do fim de semana seguinte, 29 de setembro, numa decisão que André Ventura relacionou com os incêndios florestais dos últimos dias.

"O país não compreenderia muito bem que, no sábado, um número significativo de pessoas se juntasse para discutir outro tema, também importante", disse o líder do Chega, justificando o adiamento da manifestação, que arrancaria da Alameda Dom Afonso Henriques às 15.30, descendo a Avenida Almirante Reis até chegar ao Martim Moniz, percorrendo algumas das artérias lisboetas com maior concentração de imigrantes.

Ventura admitiu implicitamente temer o efeito dos incêndios florestais na mobilização para a "grande manifestação" que o seu partido convocou. Além da solidariedade com as vítimas, o líder partidário disse ontem que parte dos interessados em participar na manifestação podem ainda estar envolvidos em operações de rescaldo e cerimónias relacionadas com os incêndios que levaram o Governo a decretar Situação de Calamidade nos concelhos afetados.

Como o DN noticiou, alguns dirigentes concelhios do Chega têm sido pressionados para garantir uma mobilização que reflita os quase 1,2 milhões de votos que o partido obteve nas Legislativas, recebendo mensagens que ameaçam com "consequências políticas" a quem não garanta que os autocarros disponibilizados pelo partido nas sedes de distrito tragam milhares de pessoas a Lisboa.

Além da vontade de demonstrar a adesão ao Chega nas ruas da capital, teme-se que uma afluência menor faça sobressair a presença de elementos de movimentos de extrema-direita, como o Grupo 1143 e o Reconquista, que iriam juntar-se à manifestação neste sábado.

Sem alterações fica a *Marcha Cabral*, que parte do Marquês de Pombal para o Rossio às 15.00 de sábado. Essa manifestação "contra o fascismo, a xenofobia e o neocolonialismo", convocada antes da que foi agora adiada, conta com o apoio de políticos de esquerda, como Alexandra Leitão (PS), Mariana Mortágua (BE) e Rui Tavares (Livre).

Cimeira da Direita nunca se realizou

O Chega já era o terceiro maior partido em número de deputados, mas muito distante do PSD e do PS, quando anunciou o maior evento de sempre. Marcada para 13 e 14 de maio de 2022, em Lisboa, a *Cimeira Mundial da Direita* acabou por ser adiada, nove dias antes, pelo que André Ventura descreveu como "perseguição a alguns dos principais convidados". Em causa esteve a retenção do passaporte de Jair Bolsonaro, ex-presidente do Brasil. E a *Cimeira da Direita* nunca se realizou.

Opinião
Pedro Marques

A União de Draghi (e VDL)

O *Relatório Draghi* sobre a competitividade da União Europeia foi celebrado pela direita europeia como um relatório orientado para a economia e, pelos progressistas, como uma defesa de que a Europa necessita de um muito maior orçamento comum para ser mais forte e competitiva.

O ex-presidente do Banco Central Europeu, corretamente, argumenta que as maiores debilidades europeias estão hoje na sua incapacidade de competir na economia e geopolítica global, que se tornaram muito mais confrontacionais.

Uma Europa que teima em não tomar decisões e promover investimentos para recuperar o terreno perdido relativamente a EUA e China nos investimentos em tecnologia, que deixou de poder contar com o gás barato da Rússia para a competitividade da sua indústria, que precisa de ser mais autónoma na sua defesa coletiva e geoestratégica.

O relatório propõe um plano massivo de investimento para o avanço da UE nestes três planos, incluindo através de dívida comum europeia. O que Draghi propõe agora é que repliquemos todos os anos a *bazuca* que aprovámos com muita dificuldade para a recuperação europeia da crise covid.

Um avanço enorme no projeto europeu, que se pode saudar com regozijo ou destruir sem piedade. Foi o que aconteceu logo de seguida, como era previsível.

O duro ministro alemão das Finanças, da família liberal, nem quis deixar o plano sobreviver à discussão em qualquer das instituições europeias, declarando enfaticamente que a Alemanha não está disponível para financiar tal plano de investimento comum.

Terá o relatório e a sua ambição morrido assim à nascença? Não creio. Mario Draghi e Von der Leyen são líderes experientes, sabiam bem que seria esta a reação dos frugais a tal proposta. Contarão com o prestígio e experiência negocial de António Costa para fazer avançar a proposta.

O mérito é colocar na agenda europeia um *roadmap* para a competitividade no quadro global, que as instituições europeias vão agora tentar transpor para a realidade através da política dos pequenos passos e dos consensos, tradicional do *acquis* comunitário.

As medidas de desburocratização e de constituição do Mercado Único de Capitais, as relacionadas com a promoção da energia verde e da indústria de Defesa serão passadas progressivamente a propostas legislativas que farão o seu caminho pelo circuito político e legislativo.

Em breve chegará mais um momento definidor, a negociação do próximo quadro financeiro plurianual, o Orçamento para sete anos na União Europeia. E aí será de esperar (mais) um ataque à política de coesão e à política agrícola comum, que no seu conjunto valem cerca de dois terços do Orçamento Comunitário.

Portugal deve estar muito atento - tanto aos riscos, como às tremendas oportunidades que esta nova orientação da União nos trará!

Eurodeputado

6 VALORES

Ataques a migrantes

Trump e J.D. Vance continuam a espalhar mentiras sobre haitianos comedores de animais domésticos, mesmo depois de repetidamente desmentidos pelas autoridades e criticados até por republicanos moderados. Em Portugal, já há deputados do Chega a copiarem este argumento tresloucado dos MAGA. O ódio e a mentira vão fazendo caminho.

Alta tensão Portugal/ Israel. MNE proibiu sobrevoo para Telavive

DIPLOMACIA A posição de Portugal em relação a Israel e ao reconhecimento da Palestina está a criar divisões no Governo. No MNE, Paulo Rangel estará alinhado com os argumentos de altos quadros diplomáticos deixados pelo PS na condução da política externa, que tentam contrariar a orientação de Luís Montenegro, segundo a qual é prematuro um reconhecimento unilateral da Palestina como Estado.

A posição face a Israel está a criar divergências entre Paulo Rangel e Nuno Melo.

FILIPE AMORIM / AFP

TEXTO **VALENTINA MARCELINO**

O Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE) não autorizou que uma aeronave proveniente dos Estados Unidos com destino a Israel sobrevoasse o espaço aéreo português para reabastecer na Base das Lajes, sabe o DN de fonte governamental. A decisão, que ocorreu na semana passada, terá sido tomada com o aval do ministro Paulo Rangel.

Este foi, no entanto, apenas mais um episódio num afastamento cada vez mais profundo entre Lisboa e Telavive, incentivado, de acordo com fontes diplomáticas, por um conjunto de altos dirigentes do MNE, herdados do ex-ministro socialista, João Gomes Cravinho, com a atual diretora-geral de Política Externa (DGPE), Helena Malcata, e o novo embaixador português na Organização das Nações Unida (ONU), Rui Vinhas, à cabeça.

Vinhas era o DGPE de Cravinho, foi exonerado desse cargo a 5 de fevereiro deste ano (um mês antes das eleições) "com efeitos a 31 de maio" – o que causou alguma estranheza – sendo nesse mesmo dia nomeado para o cargo de Representante Permanente de Portugal junto da ONU, "com efeitos a 1 de junho de 2024". Malcata, que era diretora-geral dos Assuntos Europeus, já foi designada para o atual cargo por Paulo Rangel.

O não-reconhecimento unilateral da Palestina como Estado – na União Europeia (UE), a Espanha, a Irlanda e a Eslovénia fizeram-no recentemente – assumida pelo primeiro-ministro, Luís Montenegro, em finais de maio, durante uma visita a Berlim, foi entendido em Israel como um sinal de que a posição do novo Governo da AD podia divergir do Executivo PS. "Portugal votou favoravelmente na Assembleia-Geral das Nações Unidas o reconhecimento da Palestina como membro de pleno direito desta organização (...). Relativamente a reconhecimentos unilaterais, nós não estamos em condições de o fazer, não o vamos fazer nesta oportunidade, e aguardaremos uma discussão de aprofundamento deste assunto na UE", frisou o líder do Governo português.

> O não-reconhecimento unilateral da Palestina como Estado – na UE Espanha, Irlanda e Eslovénia fizeram-no recentemente – assumido por Luís Montenegro, foi entendido em Israel como um sinal de que a posição do Governo da AD podia divergir do Executivo PS.

Mas tal não tem acontecido, muito em resultado do agravamento da guerra em Gaza, que cada vez mais países consideram desproporcional pelas vítimas civis que tem causado.

Embaixador espera *agreement* há dois meses

A proibição de sobrevoo – que deixou quer Telavive, quer os EUA surpreendidos – surgiu numa altura em que a tensão entre os dois Estados, que arrefeceu desde as declarações do secretário-geral da ONU, António Guterres, sobre o massacre do 7 de Outubro, já estava a agravar-se por causa da colocação do substituto do anterior embaixador de Israel para Portugal, Dor Shapira, que deixou Lisboa em Julho passado.

O novo embaixador é Oren Rozenbla, atual vice-porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros israelita, fluente em português (liderou antes a representação diplomática de Angola e Moçambique), está há quase dois meses à espera de *agreement* do MNE português, uma demora que as mesmas fontes diplomáticas entendem como "um sinal evidente" de que uma possível rutura é um risco assumido nas Necessidades.

Do lado de Israel, porém, não foram colocados nenhuns obstáculos, e a nova embaixadora para Telavive, Helena Paiva, foi reconhecida em menos de duas semanas. A diplomata teve como último posto Atenas e antes foi embaixadora em Cabo Verde e na Namíbia. Entre 2008 e 2010 foi diretora-adjunta do Serviço de Informações Estratégicas de Defesa (SIED).

Ontem, a votação de Portugal na Assembleia-Geral da ONU de uma resolução, proposta pela Autoridade Palestiniana, que exige a Israel a retirada de todos os territórios ocupados no prazo de um ano, foi acompanhada com expectativa. Apesar de as orientações de Rui Vinhas serem do voto a favor, a possibilidade de uma abstenção chegou a estar no horizonte.

Portugal votou a favor desta resolução – que propõe sanções e embargo de armas contra o Governo de Benjamin Netanyahu – aprovada pela maioria dos Estados-membros (124 a favor; 14 contra e 43 abstenções) que, apesar de não ser vinculativa, constitui mais uma medida para isolar o Israel no panorama internacional, na sequência da resposta ao ataque de 7 de outubro liderado pelo Hamas, que governa a faixa de Gaza. Mesmo assim, países como o Reino Unido, Alemanha, Itália, Suécia, Dinamarca e Polónia, abstiveram-se.

"Apesar de críticas justas ao

Governo de Benjamin Netanyahu tem sabido separar as questões de princípio", afiança uma dessas fontes diplomáticas.

Portugal tem sempre votado a favor das resoluções propostas pela Autoridade Palestiniana, contra Israel, seguindo, de resto, a tendência de boa parte dos outros Estados-membros da UE. De acordo com a UN Watch database, uma Organização Não-Governamental, como sede na Suíça, que monitoriza o sentido de voto dos vários países com assento na Assembleia-Geral da ONU, 80% da votação de Portugal foi contra Israel, com abstenção para 30 resoluções e nenhum voto a favor.

Desde que o Governo tomou posse em abril, terão também surgido decisões contraditórias entre o MNE e o Ministério da Defesa Nacional. Fontes militares que têm acompanhado estes processos, disseram ao DN que enquanto o ministro da Defesa tenta manter alguns acordos e protocolos com Israel, especialmente na área tecnológica, que beneficiam a indústria de Defesa Nacional, Rangel coloca o seu veto. O DN tentou confirmar esta situação com Nuno Melo, mas não recebeu resposta até ao fecho desta edição.

Questionado o gabinete de Paulo Rangel , entre outras perguntas, sobre qual é, neste momento a posição do Governo em relação ao reconhecimento do Estado da Palestina; sobre qual é a posição face à forma como o Governo de Israel tem conduzido o invocado direito a defender-se; sobre o atraso no *agreement* para o novo embaixador de Israel em Portugal; sobre o motivo que levou à proibição do sobrevoo e abastecimento nas Lajes; e o veto a acordos da Defesa, o porta-voz declarou que "não haverá resposta", devido ao envolvimento do ministério "na coordenação política por causa dos incêndios".

> De acordo com a UN Watch database, uma ONG, com sede na Suíça, que monitoriza o sentido de voto dos países com assento na Assembleia-Geral da ONU, 80% da votação de Portugal foi contra Israel, com abstenção para 30 resoluções e nenhum voto a favor.

Opinião
Davide Amado

Não há nada para ver aqui, Manuel Acácio

Quando Carlos Moedas era apenas candidato à CML, ligou para o Fórum da TSF e começou a intervenção agradecendo o convite para participar que a rádio não lhe fizera. Depois de ter sido corrigido pelo jornalista, rematou com um embaraçado: "Aqui estou, Manuel Acácio, aqui estou."

O artigo que Carlos Moedas escreveu aqui no DN lembra este caricato episódio, de alguém que é apanhado em falso e se justifica de maneira atrapalhada. Escreve, nesse texto de autoelogio, que passou três anos a "fazer e a concretizar, a desatar nós e a entregar mais e melhor cidade". Mas ninguém que viva ou trabalhe em Lisboa sabe de que cidade está ele a falar.

Se Moedas não é culpado por uma crise na habitação que não é exclusiva desta cidade ou país, o mesmo não se pode dizer da forma como tem estado sempre do lado da diminuição da oferta. As suas ações, por omissão ou demissão, têm feito parte do problema. Votou contra a contenção do Alojamento Local (AL) em Lisboa e fez campanha contra o *Pacote Mais Habitação* do anterior Governo, o mesmo que fez subir em 81% a oferta de arrendamento. Agora está ao lado do Governo que, com o voto do Chega, deitou para o lixo as limitações ao AL e já anunciou o regresso dos Vistos *Gold* e das borlas fiscais aos nómadas digitais. Todas estas medidas, todas sem exceção, limitam a oferta habitacional e voltarão a aquecer o mercado, expulsando de Lisboa mais jovens e famílias da classe média.

Não querendo insistir no tema de quem fez e quem deixou em obra mais de metade das casas que já foram entregues a munícipes neste mandato (creio que já todos perceberam a diferença entre quem planeia e quem corta-fitas), lembremos apenas que o PS pôs em marcha programas muito importantes que a CML ainda mantém. É o caso da *Renda Segura*, do Subsídio Municipal de Arrendamento, das intervenções em património municipal disperso e de muita da construção nova que tem vindo a ser inaugurada, deixada com projeto aprovado, concurso lançado e até obra em curso.

Perante a urgente necessidade de casas, a coligação Novos Tempos aproveitou as verbas do PRR e do Orçamento do Estado, negociadas pelo anterior Governo, para diminuir o investimento próprio em habitação. Assim, onde o PS investiu 207 milhões, Moedas tem apenas previstos 132 milhões de verbas municipais. O resultado é este: anuladas 2000 casas de renda acessível já programadas e, ao fim de três anos, lançados concursos apenas para 400 novas frações. Quando acabar de entregar as chaves de casas deixadas em obra ou concurso pelo PS, Moedas não terá nada para apresentar. Um escândalo quando estão disponíveis 800 milhões de euros do PRR e Orçamento do Estado para habitação, algo que não existiu nos mandatos do PS em Lisboa.

Em maio, num golpe de asa inesperado, o Governo anunciou que as obras para melhorar a operação do Humberto Delgado iriam, afinal, expandir a capacidade do aeroporto, permitindo mais voos por hora e uns 10 milhões a mais de passageiros por ano. Tudo isto sem qualquer tipo de avaliação ambiental. Os lisboetas, que já vivem com um avião sobre as suas cabeças a cada dois ou três minutos, expostos a um nível de poluição e ruído acima de tudo o que é legalmente admissível e com consideráveis riscos para a sua saúde, ouviram Carlos Moedas dizer sim, desde que a cidade fosse compensada. E, quando confrontado com o facto de a ANA nem sequer ter cumprido as insonorizações previstas para as habitações e equipamentos perto do aeroporto, Moedas aconselhou-os a irem bater à porta da concessionária. Onde está um presidente da Câmara quando se precisa de um?

Não está aqui, Manuel Acácio, não está aqui.

O PS já propôs uma providência cautelar para impedir este erro e ações judiciais para forçar a ANA a cumprir o seu Plano de Ruído e impedir voos noturnos. Deve ser a isto que Moedas chama "oposição de bloqueio": haver quem tenha coragem de dizer não.

Moedas recebeu uma câmara com o maior orçamento que alguma vez uma autarquia teve na história do país: 1,3 mil milhões de euros. Mesmo assim, e em pleno *boom* do turismo, conseguiu a proeza de colocar as contas da autarquia no vermelho, sendo "obrigado" a pedir emprestados 133 milhões de euros, pelos quais os lisboetas pagarão 40 milhões em juros, para garantir as falhas de tesouraria por si criadas. Tudo isto quando a obra que tem para mostrar é aquela que herdou. A grande marca que vai deixar na cidade, a obra pela qual vai ser um dia lembrado, é uma pala milionária e inútil, situada num parque igualmente inútil, onde falta sombra, equipamento desportivo ou um propósito. Carlos Moedas conseguiu legar um deserto à cidade.

No seu longo texto de autoelogio, Moedas também se esqueceu do título que realmente merece: o de autarca que mais fundos europeus desperdiçou. Das oito candidaturas para financiar residências universitárias com PRR, a atual gestão desistiu de sete e manteve a única que já herdou em obra. Uma opção que adia ou inviabiliza camas numa cidade onde existem milhares de estudantes deslocados e que sairá cara ao orçamento camarário, que será chamado a pagar futuras residências. Moedas já tinha ignorado as candidaturas para reconstruir, sem gastar um cêntimo, escolas classificadas como de intervenção prioritária. Tudo por não ter prontos os projetos necessários, algo incompreensível quando a estrutura que lidera tem cerca de 600 arquitetos. Como terão conseguido candidatar-se as outras autarquias do país, com recursos humanos dezenas de vezes mais curtos?

Quando acabar de entregar as chaves de casas deixadas em obra ou concurso pelo PS, Moedas não terá nada para apresentar. Um escândalo quando estão disponíveis 800 milhões de euros do PRR e Orçamento do Estado para habitação, algo que não existiu nos mandatos do PS em Lisboa."

Bem sabemos como Carlos Moedas gosta de chamar "oposição partidária de bloqueio" à oposição democraticamente eleita, com quem devia negociar em vez de fazer birras. O argumento do "bloqueio" fica-lhe mal, particularmente quando o PS lhe viabilizou os orçamentos – não por concordar com as políticas propostas, mas por querer dar condições de governabilidade a Lisboa.

Depois de se queixar de todos, menos de si próprio, Carlos Moedas culpa sistematicamente os antecessores ou a oposição quando as coisas não lhe correm bem. Vejamos o caso dos painéis publicitários de grande formato, que o indignaram, mas que eram decisão do Executivo PS. Moedas, que assinou o contrato em 2022 e aprovou depois as localizações propostas pela concessionária, só mandou pedir pareceres sobre a segurança rodoviária das localizações depois de deixar fazer a obra - e apenas após a polémica chegar aos jornais. Estava de "mãos atadas", mas para reconhecer a sua própria negligência.

Com o estado a que a cidade chegou e o avolumar de queixas dos lisboetas, é uma questão de tempo até que todos percebam quem é verdadeiramente o atual presidente da câmara. Com ele, concordamos apenas num ponto: "Tem havido pequenez na política partidária", mas pequenez do Executivo minoritário, e é urgente que algo mude. Quando a cidade está paralisada e deixou de servir os lisboetas, é chegado o tempo de uma inversão. Porque, de resto, não se passa nada aqui, Manuel Acácio.

Presidente da Concelhia do PS de Lisboa

Ataque com faca na escola. O dia seguinte na Azambuja

REGRESSO Há menos de 24 horas sobre a tragédia. D., 12 anos, armado de uma faca, atacou aleatoriamente seis colegas da escola Básica 123, na Azambuja. Professores quiseram *normalizar* o dia a dia escolar. Mas ainda há muito medo.

TEXTO **ALEXANDRA TAVARES-TELES**

FOTOS: LEONARDO NEGRÃO

Emoção à porta da escola. Cerca de 130 alunos preferiram ficar em casa no dia seguinte à tragédia.

São 8 da manhã. Transpondo-se a porta de entrada da Escola Básica 123 da Azambuja, a guarda de honra espera os alunos: dois polícias – um homem e uma mulher –, dois professores e duas assistentes operacionais esmeram-se em afabilidade e sorrisos. As crianças vão chegando, em autocarros públicos, nas carrinhas da Santa Casa da Misericórdia e do Centro Social. A maioria, pela mão dos pais ou de avós. "Porta-te bem", pede uma mãe comovida.

É o início de um dia de aulas, numa fria manhã ribatejana. Poucas mudanças, não fosse a presença policial e a mulher de rosto fechado que, já perto da porta de entrada, dá meia-volta, regressando com o filho ao carro. "Não vou arriscar."

Há menos de 24 horas sobre a tragédia. D., 12 anos, armado de uma faca, atacou de forma aleatória seis colegas – cinco raparigas e um rapaz, com idades compreendidas entre os 11 e os 14 anos. Uma das meninas, ainda internada, continua a inspirar cuidados. Porém, a direção da escola, colocando equipas de psicólogos ao dispor de encarregados de educação e alunos, decidiu normalizar o dia seguinte. Dando aos pais a palavra final, e uma certeza: D. nunca mais voltará aquelas salas.

Afastados do rebuliço da entrada estão Ester e N., mãe e filho. Chegaram por volta das 8 da manhã. Às 8.20 continuam lado a lado, em silêncio.

Ester aceitou falar ao DN. "Espero a decisão do meu filho", diz.

N., também de 12 anos, fará o que quiser quanto à permanência na escola. Contou à mãe que se cruzou com D. no corredor, já o colega sacara da faca. Que este lhe disse "afasta-te". Quando viu o colega esfaquear a primeira menina, "ficou desesperado". Telefonou a Ester e pediu que ela "o tirasse dali". "Voei", conta Ester.

Ester esperou decisão do filho sobre ir ou não à escola. Ficou feliz ao ver N. cruzar o portão.

Em casa "sentado no chão, chorou muito". Pediu para trocar de escola. A viver há 20 anos em Portugal, a brasileira cruza os braços: "Se não posso confiar na escola, é muito complicado."

"O sofrimento daqueles pais"

Vinte minutos depois de confiar a filha aos professores, Fernando Brito estacionou de novo o carro perto dos portões do estabelecimento escolar. "Quero confirmar se continua tudo calmo", diz, não escondendo a angústia. "Este país está mal. Nunca se viu nada disto."

Débora Paulo conhece a escola de cor. Estudou ali. Hoje tem aqui uma filha, no 6.º ano. "Brigas sempre houve, são normais; mas esfaqueamentos, não." Conhece D. "Os pais são cinco estrelas."

Sente empatia. "Nem quero imaginar o que estão a passar aqueles pais", diz, também, Andreia Almeida. A mãe de D., professora de alunos com necessidades especiais, e o pai, que em tempos foi segurança, um casal com quem também vive um irmão mais velho. "Tenho pena do menino. Esperemos que não fique com a vida estragada."

Portugal é dos países com a idade de responsabilização criminal mais alta – 16 anos. Comprovado que o jovem entre os 12 e os 16 anos praticou atos que a lei prevê como crime, executa-se a medida tutelar educativa, sendo a mais grave de todas – apenas aplicável quando o jovem tiver praticado atos a que correspondam crimes punidos com penas elevadas –, o internamento em centro educativo em regime fechado, com a duração máxima de 3 anos.

"Tenho muita pena. A mãe é uma querida", repete Andreia.

Ao contrário das filhas de Débora e Andreia – que fizeram questão de ir às aulas –, não houve forma de a romena Nicoleta Antal convencer o filho, um dos 130 alunos, num universo de 450, que ficou em casa.

"Isto é muito estranho. Especula-se imenso." Nicoleta muda de assunto: "Agora diz-se que o D. sofria de *bullying*. Não me parece justificação. O meu filho também sofreu de *bullying* – basta dizer que é gordinho e filho de imigrantes –, mas nunca desatou a esfaquear os outros meninos."

Vanessa Farinha conhece bem D., que é colega de turma do filho: "O meu filho nunca assistiu a *bullying*." É verdade que D. "brincava sozinho, ficava muito tempo em jogos de telemóvel, mas como vários outros. Não era muito diferente dos restantes." D. terá tido uma discussão com a mãe à hora de almoço, contou-lhe o filho. E esse poderá ter sido o gatilho da tragédia.

D., ouvido pela PJ, foi já avaliado no Hospital da Estefânia, em Lisboa, aguardando-se agora uma decisão do Ministério Público.

"Não há mal no medo" e um herói

"Não há mal algum em ter medo", diz Ester ao filho. N. incita a mãe a deixar-se fotografar para o DN. "Deixa, mãe", pede enquanto se afasta. "Temo que se não vencer hoje o receio, nunca mais queira vir", diz a mãe, acreditando que N. não está a ouvir.

Talvez tenha ouvido. De repente, o menino aproxima-se da entrada, ganha balanço e cruza os portões a correr. Ester sorri.

Na sala de uma das meninas feridas, apenas cinco alunas faltaram, contou M. à mãe, a representante dos pais dos alunos da turma. Ao final do dia seguinte à tragédia, M. acrescentou que foi um dia "quase normal", apesar de os professores terem deixado os alunos mais à vontade do que o esperado.

"A minha filha teve duas horas de desenho e a professora disse que poderiam desenhar o que quisessem. Alguns alunos desenharam paisagens. Outros, o material escolar." A menina desenhou *Mike*, com quem partilha a inicial. A personagem de *anime*, a BD japonesa, é um herói invencível.

Óscar Afonso, diretor da Faculdade de Economia do Porto.

DR

> "Portugal, se quiser estar na metade dos países mais ricos, tem de crescer mais. E, para crescer mais, tem de crescer em imigrantes – que são, nesse sentido, muito bem-vindos e necessários", analisa o economista Óscar Afonso, diretor da FEP.

Portugal precisa de 138 mil novos imigrantes por ano para ganhar riqueza

ESTUDO Investigação da Faculdade de Economia (FEP) da Universidade do Porto mostra que número é necessário para que o país entre no grupo dos membros mais ricos da União Europeia até 2030.

TEXTO **AMANDA LIMA** E **CAROLINE RIBEIRO**

O argumento de que Portugal precisa de imigrantes para suprir o mercado de trabalho do país não é novidade. Todos os anos, relatórios e estudos mostram esta necessidade. Agora, a Faculdade de Economia da Universidade do Porto (FEP) descobriu outro argumento: a necessidade de melhorar a posição no *ranking* de riqueza da União Europeia (UE).

A análise está no terceiro e último capítulo do 1.º número da publicação *Economia & Empresas*, publicado recentemente. Segundo Óscar Afonso, diretor da FEP, são necessários 138 mil novos imigrantes anualmente para que o país consiga entrar, até 2033, no grupo dos membros mais ricos do bloco. "Entre 1999 e 2022, crescemos a 0,9% ao ano e isso implicou uma entrada média anual de 49 mil imigrantes", explica Afonso. Caso o número de estrangeiros residentes no país não aumente, de acordo com o estudo, "a população, até 2033, diminuirá cerca de 5% ou 8%", destaca.

Assim, Portugal ficaria cada vez mais atrás no bloco europeu. "Para crescer, nós precisamos de gente e não podemos pagar melhores salários se não crescermos. O crescimento liberta recursos, que depois podem ser usados para investimento, para consumo", argumenta o investigador.

O estudo analisa a taxa de crescimento natural (a diferença entre a taxa de natalidade e a taxa de mortalidade) e a taxa de crescimento migratório (a taxa de imigração menos a taxa de emigração), nos países da União Europeia entre 1999 e 2022. Enquanto os países do Leste europeu, como a Roménia, Lituânia, República Checa e Polónia, conseguem duplicar o Produto Interno Bruto (PIB) a cada 20 anos, Portugal, com a taxa de crescimento que tem tido, só o faz ao fim de 80 anos.

> *"Uma economia mais dinâmica e um maior nível de vida pressupõem que Portugal se organize para acolher um fluxo ainda maior de imigrantes no futuro de forma controlada, incluindo mecanismos ligados à evolução económica."*

"Portugal, se quiser estar na metade dos países mais ricos, tem de crescer mais. E para crescer mais tem que crescer em imigrantes. E os imigrantes são, nesse sentido, muito bem-vindos e necessários", analisa o economista.

Para o diretor da FEP, os números e dados desconstroem mitos. "Desfaz-se muito o mito de que os imigrantes substituem os nacionais: isso é mentira, desfaz-se o mito de que os imigrantes vêm e depois os portugueses têm de emigrar. Desfazem muitos mitos e impõem ao Estado a necessidade de criar políticas públicas de atração de imigrantes, se quiser mudar como estão as coisas", argumenta.

Mais de 138 mil

Se o número que a investigação encontrou é 138 mil, Portugal está no caminho. Em 2023, foram concedidos 328 978 novos títulos de residência, de acordo com o *Relatório de Migrações e Asilo* (RMA), divulgado pela Agência para Integração, Migrações e Asilo (AIMA) nesta semana. Nos últimos cinco anos, em 2019, 2022 e 2023 o número de estrangeiros com Autorização de Residência superou os 138 mil.

No entanto, devido ao sistema de imigração do país e ao tempo que um imigrante leva para receber o documento que o coloque oficialmente nesta estatística, os números não mostram a entrada anual dos imigrantes no país. Por exemplo, entre os 328 978 novos títulos de residência concedidos ao longo do ano passado, quase 200 mil já estavam há um ou dois anos no território.

Apesar de defender com dados a necessidade de imigrantes, o mesmo estudo reforça que é preciso que o Governo "olhe para algumas necessidades para manter as dinâmicas demográficas", explica Óscar Afonso, sem deixar de lado políticas públicas que incentivem a natalidade. Melhorar a qualidade do Serviço Nacional de Saúde (SNS), apostar na capacitação dos imigrantes e no aumento de recursos financeiros para a AIMA são outros fatores relevantes, analisa o economista.

O diretor da FEP espera que os resultados da investigação sejam levados em conta pelo Governo para a criação e execução de políticas públicas. "Uma economia mais dinâmica e um maior nível de vida pressupõem que Portugal se organize para acolher um fluxo ainda maior de imigrantes no futuro de forma controlada, incluindo mecanismos ligados à evolução económica, como o requisito prévio de um contrato de trabalho e a auscultação das necessidades de trabalhadores das empresas, acompanhados de uma fiscalização adequada", conclui.

amanda.lima@dn.pt
caroline.ribeiro@dn.pt

GERARDO SANTOS

Rita Alarcão Júdice esteve no Parlamento.

Ministra já escolheu novo diretor para a cadeia de Vale de Judeus

JUSTIÇA Nomeação deve ser conhecida hoje. Auditoria à segurança das prisões concluída até final do ano.

A ministra da Justiça disse ontem no Parlamento que o novo diretor da prisão de Vale de Judeus deverá ser nomeado esta quinta-feira . "A pessoa está identificada, aguardamos apenas por alguns procedimentos administrativos", disse a ministra Rita Alarcão Júdice durante a sua intervenção inicial no debate sobre a situação das prisões, pedido pelo Chega, no qual quis "repor a verdade" sobre matérias relacionadas com a fuga de cinco reclusos.

Referindo-se à "torrente de comentários e informações" na última semana sobre a fuga de cinco reclusos da prisão de Vale de Judeus, considerados pelas autoridades como "muito violentos", a ministra da Justiça apontou que "muita coisa foi dita, faltando à verdade", que disse querer repor.

Começou por insistir que a cadeia não estava sem diretor há quatro meses, nem que este se encontrava de baixa aquando da fuga, afirmando que o diretor cessante se aposentou em 1 de julho, tendo o diretor-adjunto da prisão assumido funções como diretor, "com plenos poderes".

A ministra desmentiu ainda que os guardas prisionais não tenham acionado o sistema de comunicações de segurança do Sistema Integrado de Redes de Emergência e Segurança de Portugal (SIRESP) "por falta de conhecimento ou formação". "O sistema SIRESP não foi acionado porque o protocolo indica que, naquele caso, o que deve ser feito é usar o SIRESP para as comunicações rádio", disse.

Sobre a fuga, Rita Alarcão Júdice reiterou que as causas "não foram fruto do acaso" e "algumas já estão identificadas", recordando as auditorias pedidas aos serviços do Ministério da Justiça e da Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP).

A ministra referiu que a auditoria que irá avaliar as condições de segurança dos 49 estabelecimentos prisionais do país, e que deve ficar concluída até 31 de dezembro deste ano, seguirá "uma ordem de prioridade, de acordo com a sua [do EP] natureza e dimensão". "Para tomar as melhores decisões e dar bom uso ao dinheiro dos contribuintes, precisamos de avaliar o estado dos equipamentos de segurança, das infraestruturas físicas, dos sistemas de comunicação e dos protocolos de segurança. Este relatório vai estar concluído até 31 de dezembro de 2024. Mas assim que estiver concluída a avaliação para cada Estabelecimento Prisional não precisaremos de esperar pelo fim para agir", disse.

Sobre a segunda auditoria, que incide na gestão da DGRSP, a ministra disse que é preciso "saber se a estrutura, o modelo de governação, a dotação de recursos humanos, técnicos e financeiros são compatíveis com a missão que lhe está atribuída", acrescentando que as conclusões vão permitir "agir de forma fundamentada".

DN/LUSA

BREVES

Detidos na ponte após perseguição

A Polícia Judiciária (PJ) deteve ontem três homens suspeitos de assalto a ourivesarias em Fátima, numa operação de perseguição e detenção que obrigou ao encerramento do trânsito na Ponte 25 de Abril.
De acordo com a PJ, "no âmbito das diligências de investigação realizadas pelo Departamento de Investigação Criminal de Leiria, foi possível identificar e localizar os suspeitos, residentes na Margem Sul". Os três homens foram intercetados à entrada do tabuleiro da Ponte 25 de Abril (que liga Lisboa a Almada) e, durante a perseguição, os suspeitos acabaram por abandonar a viatura e fugiram apeados, tendo sido depois detidos. Foram apreendidos os objetos roubados e uma arma.

GNR tem 180 dias para apagar tatuagens

A GNR deu um prazo de 180 dias a um militar do Comando de Braga para remover as tatuagens que tem nos antebraços, sob risco de expulsão. Em resposta à Lusa, o Comando Geral da GNR refere que, no decorrer daquele prazo, o militar foi autorizado a utilizar "mangas elásticas" para ocultação das tatuagens. Se não acatar a ordem, o militar pode ver ser-lhe instaurado novo processo disciplinar e um processo de dispensa do serviço, previsto no Estatuto dos Militares da Guarda. O Regulamento Geral da GNR estipula que os militares não podem fazer uso de tatuagens, ou outras formas de arte corporal, abaixo da linha do cotovelo, no pescoço e cabeça.

Opinião
Rute Agulhas

A violência em contexto escolar exige medidas preventivas

A situação recentemente ocorrida numa escola, em que uma criança de 12 anos agrediu com uma faca diversos colegas, tem suscitado reações de alarme em que todos nos questionamos: "Como pode acontecer uma coisa destas?"; "O que leva uma criança a cometer um ato desta natureza, preparando-se antecipadamente para o mesmo?"; "O que fazer agora, perante o facto consumado?"

Estas são questões muito pertinentes, que nos levam a um caminho de reflexão sobre as possíveis motivações de quem agride e sobre o impacto traumático nas vítimas e em todas as pessoas que presenciaram a situação, bem como a respeito da sensação de insegurança e vulnerabilidade que, compreensivelmente, toda a comunidade escolar poderá agora experienciar.

Gostaria, no entanto, de dedicar este artigo à importância das medidas, não remediadoras, mas sim preventivas. Daquelas que devem ser tomadas antes do problema acontecer.

Prevenir a violência – seja em contexto escolar ou outro – implica começar desde muito cedo, em tenra idade, na família, no jardim de infância e nos diversos contextos onde as crianças se movimentam, a desenvolver ações e iniciativas que sejam promotoras de uma cultura pelos direitos. É fundamental que as crianças conheçam aqueles que são os seus direitos e que são, no fundo, também os direitos dos outros. É preciso uma aposta numa cultura de e para os direitos.

Ao mesmo tempo, e nas variadíssimas atividades que as crianças desenvolvem, é fundamental promover competências sociais e emocionais – falamos aqui, por exemplo, de aprender a reconhecer as diferentes emoções (em si e nos outros), a saber regulá-las e expressá-las de modo ajustado, a controlar os impulsos e a resolver divergências e conflitos de um modo assertivo.

Prevenir a violência implica agir local e pensar global, o que significa que todas e quaisquer ações desenvolvidas com crianças e jovens têm necessariamente de ser integradas numa lógica sistémica e holística, envolvendo toda a comunidade. Uma comunidade que se deseja informada e consciencializada para saber prevenir, detetar e agir. E, quando falamos em ação, falamos necessariamente da necessidade de recursos humanos e materiais que permitam o encaminhamento precoce das situações de risco para equipas multidisciplinares especializadas que possam responder de uma forma eficaz e eficiente.

No nosso país é urgente reforçar as políticas e estratégias de natureza preventiva, na área da violência em idade escolar, e não só, que são seguramente o caminho para uma sociedade mais justa, segura e protetora.

Psicóloga clínica e forense, terapeuta familiar e de casal

LÍBIA FLORENTINO / GLOBAL IMAGE

Autoridade da Concorrência multou os bancos, em 2019, pela troca de informação sensível no crédito.

Bancos pedem ao tribunal absolvição de multas de 225 milhões

CARTEL DA BANCA BBVA, BPI, BCP, Santander e CGD defendem que paragem do processo judicial durante dois anos levou à prescrição de infrações apontadas pela Autoridade da Concorrência. Sentença do tribunal é conhecida amanhã.

TEXTO **SÓNIA SANTOS PEREIRA**

O "cartel da banca", como ficou conhecido o grupo de 14 bancos que, entre 2002 e 2013, trocaram informações sobre créditos a clientes, pediu ontem ao tribunal a absolvição das multas instauradas pela Autoridade da Concorrência (AdC), que ascendem a 225 milhões de euros, ou a aplicação de coimas simbólicas ou apenas uma admoestação. Os bancos consideram que não partilharam dados, nem violaram a lei da concorrência. Cinco destes bancos preparam-se também para defender a prescrição do processo. A sentença é lida amanhã no Tribunal da Concorrência, Regulação e Supervisão (TCRS), em Santarém,

Há ainda a decorrer cinco ações da Ius Omnibus, associação europeia de defesa do consumidor, onde são reclamados mais de 5,3 mil milhões de euros de indemnização aos consumidores lesados por esta atividade.

O BCP defendeu que "dos 1080 documentos" citados e que se lhe referem apenas 18 foram considerados "referentes a intenções futuras" e que nenhuma da informação recebida e partilhada terá permitido "prever com suficiente precisão o comportamento futuro dos concorrentes". "Não resulta do acórdão qualquer presunção de dano que os consumidores tenham sofrido, ou qualquer vantagem que o BCP tenha retirado desta conduta", disse o advogado, que pediu a absolvição do banco ou a redução da coima a um valor simbólico.

O Santander considerou o caso sem "grande relevância real", adiantando que as trocas de informações eram "esporádicas" e, sobretudo, "de antigos colegas que queriam poupar trabalho uns aos outros", para que não tivessem de pesquisar em simuladores e *sites*. O advogado do Santander defendeu que a atuação do banco foi sem infração ou sem infração preocupante.

O BIC, multado por factos praticados pelo então BPN, alegou que não transmitiu ou recebeu de outros bancos "informações estratégicas". O BBVA considerou também não haver elementos que comprovem trocas de informação que "demonstrem que, de facto, o mercado não continuou a funcionar de forma normal", ou seja, sem concertação de taxas de juro entre bancos e sem eliminar o fator "incerteza" entre concorrentes.

No início da sessão de ontem do julgamento de recurso de 11 dos bancos sancionados, a juíza Mariana Gomes Machado revelou que o BBVA, BPI, BCP, Santander e CGD apresentaram requerimentos para admissão de pareceres sobre prescrições. Os bancos consideram que a paragem do processo durante dois anos levou à prescrição de infrações.

O julgamento iniciou-se em outubro de 2021, no Tribunal da Concorrência, em Santarém, e meio ano depois Mariana Gomes Machado deu os factos como provados. Ainda assim, suspendeu a instância e remeteu ao Tribunal de Justiça da União Europeia (TJUE) para que este se pronunciasse sobre se constituíram restrição de concorrência por objeto, já que não ficou provado se a troca de informação teve ou não efeito sobre os consumidores.

Só em julho deste ano, dois anos passados, o TJUE admitiu que a partilha de dados entre os bancos nesses mais de dez anos "pode constituir uma restrição à concorrência por objeto". Os bancos têm outra interpretação.

Para o Santander, o acórdão europeu foi "arrasador para a Autoridade da Concorrência". Grande parte do caso foi posto de parte pelo tribunal europeu, tendo ficado "reduzido a meia dúzia de *e-mails*" trocados entre funcionários dos bancos, disse o representante do banco no tribunal. Já a CGD considerou que trouxe "elementos abonatórios" para o processo, ao fazer uma análise diferenciada da graduação das trocas de informação e do contexto económico e jurídico. Para o banco público, essa análise diferenciada não foi feita pela AdC e cabe ao tribunal levá-la em devida conta na sentença.

A AdC multou, em 2019, os bancos pela prática concertada de troca de informação sensível no crédito. Segundo o regulador, a banca partilhou dados sobre *spreads* (margem de lucro comercial) a aplicar aos créditos dos clientes (habitação, consumo e a empresas) e os volumes de produção. A AdC condenou a CGD ao pagamento de 82 milhões de euros, o BCP 60 milhões, o Santander Totta 35,65 milhões, o BPI em 30 milhões, o Montepio em 13 milhões, o BBVA em 2,5 milhões, o BES em 700 mil euros, o Banco BIC em 500 mil euros, o Deutsche Bank (cuja infração prescreveu em outubro de 2020) e a Caixa Central de Crédito Agrícola Mútuo em 350 mil euros cada um. Já à Union de Créditos Imobiliários coube um pagamento de 150 mil e ao Banif (que não recorreu) de mil euros.

O Abanca, também visado no processo, viu a infração prescrever ainda na fase administrativa e o Barclays, que apresentou um pedido de clemência, viu suspensa a coima de oito milhões de euros. Ao Montepio, a coima foi reduzida em metade por ter aderido ao pedido de clemência. **Com LUSA**

sonia.s.pereira@dinheirovivo.pt

Sérgio Monteiro defende que encaixe financeiro na ANA foi "altamente maximizado"

PRIVATIZAÇÃO Ex-secretário de Estado das Infraestruturas rejeita críticas do Tribunal de Contas sobre a venda da ANA à Vinci e diz que gestão privada da empresa é "um orgulho para o país".

TEXTO **RUTE SIMÃO**

O antigo secretário de Estado das Infraestruturas, Transportes e Comunicações do Governo PSD/CDS-PP, Sérgio Monteiro, criticou ontem as conclusões do relatório do Tribunal de Contas (TdC) sobre o processo de privatização da ANA Aeroportos, divulgado no início do ano. O documento, recorde-se, arrasa o negócio concretizado com a Vinci há 12 anos ao afirmar que a operação entre o Estado e a francesa não salvaguardou o interesse público, nem maximizou o encaixe financeiro "resultante da alienação das ações representativas do capital social da ANA".

"O meu respeito pelo TdC é integral, mas este relatório tem erros técnicos graves", disse ontem Sérgio Monteiro aos deputados. O ex-governante, que foi ouvido na Comissão de Economia, Obras Públicas e Habitação no âmbito de requerimento do PCP, reiterou não acompanhar "o entendimento" do TdC apontando as considerações relativas aos juros e dividendos como "erros técnicos factuais".

Sérgio Monteiro
Ex-secretário de Estado das Infraestruturas, Transportes e Comunicações

O relatório do TdC indica que "o Estado concedeu à Vinci os dividendos de 2012 [no valor de 30 milhões de euros], quando a gestão ainda era pública, e suportou o custo financeiro da ANA [para cumprir o compromisso assumido no contrato de concessão, tendo o preço da privatização (1127,1 milhões de euros) sido 71,4 milhões de euros inferior ao oferecido e aceite (1198,5 milhões de euros)". Sérgio Monteiro garantiu que o processo foi feito "à luz das regras estabelecidas". "Se a questão não estivesse prevista com regras claras, obviamente que haveria necessidade de sanções financeiras, e não houve", apontou.

O antigo secretário de Estado das Infraestruturas insistiu ainda que o "encaixe financeiro foi altamente maximizado", com a Vinci a pagar 3080 milhões de euros pela ANA, valor 600 milhões acima do 2.º classificado no processo de venda. "Houve competitividade do processo, regularidade, a mesma informação, [e os candidatos] seguiram os mesmos princípios. Ninguém achou que qualquer regra fosse discriminatória, é um processo que nos orgulha", indicou.

Sérgio Monteiro referiu ainda considerar "estranho" que o relato de auditoria do TdC, que data de 2015 e que foi cancelado em 2018 – que indica que o negócio celebrado, em 2012, entre o Governo de Pedro Passos Coelho e a Vinci "cumpriu o seu objetivo principal: a redução da dívida pública maximizando o valor da venda" –, "seja diametralmente oposto [ao documento do TdC divulgado no início de 2024] e que as conclusões sejam diferentes".

rute.simao@dinheirovivo.pt

PUBLICIDADE

Duplo golpe ao Hezbollah quando Israel anuncia nova fase da guerra

SABOTAGEM Ataques eletrónicos ao movimento xiita libanês, tão audaciosos quanto mortíferos, inscrevem-se no currículo das agências israelitas. Coincidem com a declaração de que as forças armadas de Israel vão centrar-se no norte do país.

Os funerais de oito membros do Hezbollah mortos na véspera foram interrompidos com novas explosões.

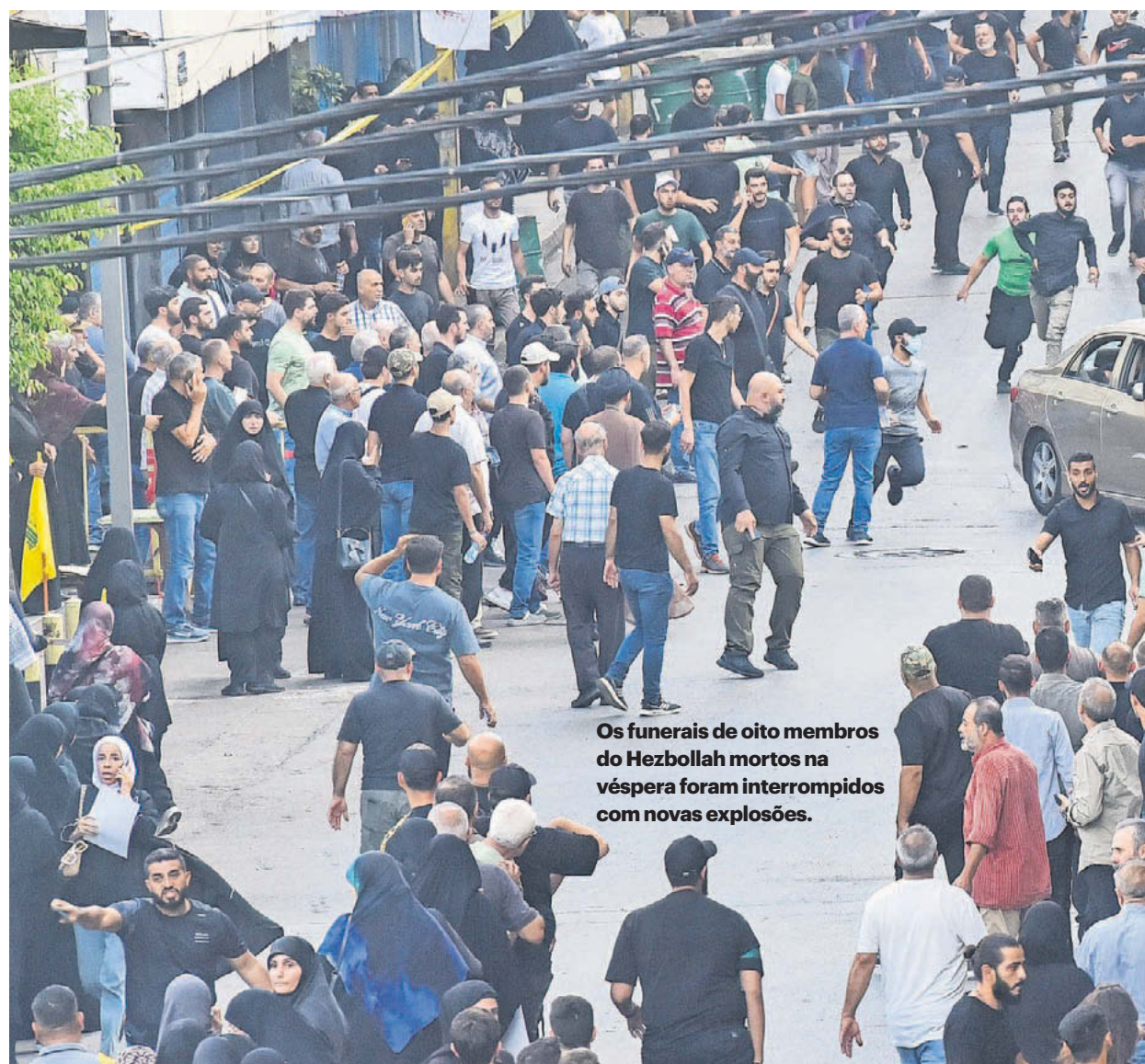
TEXTO **CÉSAR AVÓ**

O Conselho de Segurança das Nações Unidas vai reunir-se amanhã, a pedido da Argélia, para analisar as explosões ocorridas em dispositivos de comunicação usados por membros do Hezbollah no Líbano e na Síria. Depois de na véspera cerca de 3 mil *pagers* terem explodido, causando a morte de pelo menos 12 pessoas e ferimentos em 2800, ontem um número indeterminado de *walkie-talkies*, telemóveis e computadores portáteis rebentaram, fazendo 20 mortos e 450 feridos. Os atentados sucessivos acontecem numa altura em que o ministro da Defesa de Israel declarou que o "centro de gravidade" da guerra com o Hamas vai deslocar-se da Faixa de Gaza para o norte do seu país, onde o exército tem mantido trocas de tiro diárias com o Hezbollah.

Uma segunda onda de explosões em aparelhos de comunicação – mas não só, foram reportadas explosões em painéis solares – de membros do movimento xiita Hezbollah ocorreu em Beirute, onde decorriam os funerais de oito membros do Hezbollah, mas também noutras regiões libanesas, caso de Beca, onde se deram três mortes. Os ataques foram condenados pelo secretário-geral das Nações Unidas. "Penso que é muito importante que não se utilizem objetos civis como armas, essa deve ser uma regra que os governos devem ser capazes de aplicar", disse António Guterres.

O que se sabe dos ataques

Em fevereiro, o líder do Hezbollah, Hassan Nasrallah, alertou para os riscos do uso do telemóvel. "O inimigo não precisa mais de espiões", afirmou. A organização apoiada pelo Irão encomendou 5 mil *pagers* há uns meses, segundo uma fonte libanesa disse à Reuters. Este dispositivo, que permite apenas receber mensagens, terá sido escolhido na crença de que a sua tecnologia ultrapassada – sem câmaras, microfones nem GPS – passaria despercebida pelos israelitas. Em dado momento, os *pagers* foram intercetados e sabotados com uma placa com um explosivo e um código associado.

De acordo com o *site* Al-Monitor, os serviços israelitas pretendiam detonar os dispositivos no momento que antecedesse o início de uma guerra contra o Hezbollah, ou, como outros peritos apontam, como prevenção para se defender de um ataque em larga escala. No entanto, optaram por fazê-lo quando um membro do Hezbollah suspeitou dos dispositivos e planeou alertar os seus superiores, tal como outro que tinha chegado à mesma conclusão mas terá sido assassinado antes de informar as chefias.

Destroços de *pagers* que foram alvo de sabotagem, em Beirute.

AFP

O que não se sabe

Como é costume em casos semelhantes, Israel não assumiu a responsabilidade do sucedido. Segundo o jornalista Ronen Bergman, colaborador do *The New York Times*, Telavive acredita que o número que o número de vítimas mortais é muito superior e que a unidade militar de elite do Hezbollah, Radwan, foi atingida de forma significativa.

Desconhece-se em que momento os dispositivos foram sa-

FADEL ITANI / AFP

Assembleia da ONU pede fim da ocupação

A Assembleia Geral da ONU aprovou uma resolução não vinculativa pedida pela Palestina e 29 estados-membros na qual se pede a Israel para pôr termo à ocupação dos territórios palestinianos da Cisjordânia e de Jerusalém Oriental no prazo de 12 meses, em linha com a decisão do Tribunal Internacional de Justiça que, em julho, determinou a ilegalidade da ocupação. A moção recebeu 143 votos a favor, 25 abstenções e nove votos contra. Outra forma de pressão veio do príncipe herdeiro saudita. "O reino não cessará os esforços incansáveis para estabelecer um Estado palestiniano independente com Jerusalém Oriental como capital, e afirmamos que o reino não estabelecerá relações diplomáticas com Israel enquanto tal não acontecer", disse Mohammed bin Salman.

NÚMEROS

34

Vítimas Resultado do duplo atentado, pelo menos 34 pessoas morreram e mais de 3 mil ficaram feridas.

1

Grama Segundo análises do Hezbollah a dispositivos que não explodiram, cada *pager* continha entre um e três gramas do poderoso explosivo tetranitrato de pentaeritrina, conhecido abreviadamente como PETN.

5000

Pagers foi o volume da encomenda do Hezbollah, sendo que no primeiro dia terão explodido cerca de 3 mil.

458

Mortos Com o anúncio da morte de mais cinco combatentes, sobe para pelo menos 458 as baixas mortais entre o braço armado do Hezbollah desde outubro, em resultado das confrontações diárias com Israel.

50 000

Deslocados Os ataques diários com foguetes e *drones* do Hezbollah ao norte de Israel levaram à retirada de 96 mil pessoas. Cerca de 50 mil não regressaram às suas casas.

botados no que foi considerado "o ataque à cadeia de abastecimento mais extenso da história", como comentou Dmitri Alperovitch, do *think tank* Silverado Policy Accelerator. O Hezbollah desconfia que tenha sido durante o tempo em que o carregamento permaneceu num porto, durante três meses.

O modelo do *pager* AR-924 é da empresa de Taiwan Gold Apollo. No entanto, esta disse que licenciou o fabrico daquele modelo para a empresa húngara BAC Consulting. Segundo a Reuters, na morada da empresa, numa zona residencial de Budapeste, existe apenas uma folha de papel com o nome da mesma afixada na porta do prédio. O porta-voz do governo de Viktor Orbán, Zoltan Kovacs, disse que a empresa em questão é "um intermediário comercial, sem instalações de fabrico ou operacionais no país".

Consequências

Desconhece-se também de que forma o Hezbollah irá responder, tal como assegurou na terça-feira. Porém, sem comunicações, ignora-se como e quando é que o movimento xiita vai conseguir repor uma ordem de comando. Se voltarem a usar telemóveis os operacionais estarão de novo debaixo do radar dos serviços israelitas, pelo que é de esperar o regresso dos mensageiros.

Ignora-se se o governo israelita vai aproveitar o desconcerto provocado pelas explosões para atacar o Hezbollah. Sem relacionar

> O Hezbollah assegura que vai retaliar, algo considerado impossível neste momento, uma vez que está desprovido de comunicações.

com as explosões no Líbano, o ministro da Defesa, Yoav Gallant, anunciou que a atenção se deslocou para a frente norte, na fronteira com o Líbano, tendo em conta os "claros e simples" objetivos, ou seja, "o regresso dos habitantes das localidades do norte às suas casas em segurança".

Gallant disse que as forças armadas estão a desviar recursos para aquela zona do país no que é o "início de uma nova fase desta guerra". O ministro apelou à capacidade de adaptação, coragem e perseverança, sem entrar em mais pormenores. Não muito depois, o primeiro-ministro, Benjamin Netanyahu, publicou um vídeo com dez segundos e no qual prometeu o regresso dos cidadãos deslocados.

Unidade 8200

Tudo aponta para que os ataques tenham o dedo da Unidade 8200, departamento especializado em guerra eletrónica e que faz parte da Direção de Serviços de Informações Militares de Israel. Tem no seu currículo operações como o vírus Stuxnet, que avariou as centrifugadoras nucleares iranianas; um ciberataque à empresa de telecomunicações libanesa Ogero; ou ter frustrado um ataque do Estado Islâmico a um avião que seguia da Austrália para os Emirados.

Mossad, Shin Bet ou Unidade 8200, há uma longa história de ataques com recurso a tecnologias. Em 1972, em vingança aos ataques da OLP aos atletas olímpicos nos Jogos de Munique, o representante da organização em Paris morreu depois de a base de mármore do seu telefone ter sido trocada por uma réplica com explosivos.

Em 1996, Yahya Ayyash, o homem conhecido como "Engenheiro" e responsável pelo fabrico de bombas que mataram dezenas de israelitas recebeu de um tio – aliciado e enganado pelos serviços israelitas – um telemóvel com 50 gramas de explosivos que foram detonados remotamente.

Em 2020, numa de várias ações para impedir o desenvolvimento do programa nuclear iraniano, o cientista Mohsen Fakhrizadeh foi morto por uma metralhadora telecomandada quando viajava num carro nos arredores de Teerão. Os drones tornaram-se uma ferramenta essencial para os ataques, como o ocorrido em janeiro deste ano, em Beirute, quando um dos homens de topo do Hamas, Saleh Arouri, e outros seis membros foram mortos.

cesar.avo@dn.pt

Feijóo ataca plano de Sánchez: “Não se via algo assim desde Franco”

ESPANHA Governo liderado pelos socialistas apresentou pacote de medidas que, entre outras coisas, visa que os grupos de *media* sejam mais transparentes acerca dos seus donos e a origem do seu investimento publicitário, mas também que os políticos tornem públicas as suas contas.

TEXTO **ANA MEIRELES**

A temperatura do primeiro duelo parlamentar depois das férias entre o primeiro-ministro espanhol, Pedro Sánchez, e o líder da oposição, Alberto Núñez Feijóo, começou a subir logo na pergunta inicial do deputado do Partido Popular, quando este decidiu atacar o Plano de Ação pela Democracia apresentado pelo Governo socialista na terça-feira, apelidando-o de “uma ofensiva contra juízes, jornalistas e meios de comunicação, um plano de censura”.

“Você tem uma conceção da república das bananas do poder que não tem fim”, acusou ontem Feijóo, sublinhando “a censura e a perseguição a quem ousa criticá-lo”. “Não se via algo assim desde Franco”, disse, numa referência ao general que governou Espanha num regime de ditadura entre 1939 e 1975. E perguntou ainda: “Para quê tudo isto?”, numa altura em que os casos de corrupção que afetam Sánchez e o PSOE “seguem ainda abertos”.

Pedro Sánchez respondeu, referindo que lidera um Governo de “diálogo e acordo” e apelando ao Partido Popular para “mudar o *chip*”, pediu ainda a Feijóo para “abandonar a oposição azeda e contribuir”, no interesse de Espanha.

Em causa está o Plano de Ação pela Democracia, que foi aprovado e apresentado pelo Governo na terça-feira e é composto por 31 medidas a implementar nos próximos três anos da legislatura e que pretendem “fortalecer o Estado de Direito, melhorar a transparência e a responsabilização das instituições e combater a desinformação”. As medidas deste plano passam pela modificação da Lei dos Segredos Oficiais, da Lei da Publicidade Institucional, pela reforma do Código Penal e pela modificação das leis orgânicas sobre o direito à honra, o direito à retificação e o regime eleitoral.

EPA / SERGIO PEREZ

O líder do PP, Alberto Núñez Feijóo, acusou Pedro Sánchez de perseguir quem o critica.

Entre as propostas de âmbito mais político estão a obrigatoriedade de debates eleitorais, a criação de duas novas unidades na Procuradoria-Geral do Estado para combater a corrupção “pública e privada” e a reforma dos partidos para que grupos políticos, deputados e senadores tenham de tornar públicas as suas contas.

Já sobre os *media* é proposto um registo público dos meios de comunicação no qual estes terão de divulgar quem são seus proprietários e que investimento publicitário recebem, a limitação da publicidade institucional para evitar a dependência dos *media* de dinheiros públicos, a criação de uma comissão no Congresso para analisar a desinformação e a alteração da lei do direito à honra e do direito à retificação para que as notícias falsas sejam retificadas nos prazos adequados.

Será ainda promovida a lei do sigilo profissional dos jornalistas como garantia legal de proteção das fontes e a proteção dos jornalistas contra processos judiciais interpostos com o único objetivo de os intimidar no exercício das suas funções.

O Governo da Comunidade de Madrid, presidido pela *popular* Isabel Díaz Ayuso, anunciou ontem que está a ponderar levar a tribunal este plano do Executivo de Pedro Sánchez, também conhecido como plano de regeneração democrática, se concluir que a sua implementação invade os poderes regionais na contratação de campanhas publicitárias nos *media*. “Teremos de nos concentrar no seu desenvolvimento”, disse o porta-voz do Executivo Regional, Miguel Ángel García Martín, garantindo que “vamos combatê-lo sempre que for necessário, sem dúvida. Sánchez não tem limites e temos de estabelecê-los por ele”.

ana.meireles@dn.pt

Felipe VI recebe Illa na Zarzuela

O rei Felipe VI recebeu ontem o presidente da *Generalitat*, Salvador Illa, sendo a primeira vez em nove anos que o monarca espanhol se encontra no Palácio da Zarzuela com um líder do Governo da Catalunha e ocorre um mês depois de o socialista ter sido eleito para o cargo. O último *president* a ter uma audiência com o rei foi Artur Mas, em 2015, depois da sua posse. O mesmo não aconteceu com os seus sucessores – Carles Puigdemont, Quim Torra e Pere Aragonès –, cujos mandatos coincidiram com o processo independentista e consequentes sentenças.

BREVES

Barnier alerta para situação orçamental

A situação orçamental da França é “muito grave”, disse ontem primeiro-ministro Michel Barnier à AFP, referindo que são necessárias mais informações para avaliar a “realidade precisa” das Finanças Públicas francesas. A França foi colocada num procedimento formal por violar as regras orçamentais da União Europeia antes de Barnier se tornar chefe do Governo, no início do mês, enquanto o Banco de França alertou esta semana que um regresso projetado às regras do défice da UE até 2027 “não era realista”. Barnier já sugeriu possíveis aumentos de impostos para ajudar a estabilizar as finanças, uma medida que Emmanuel Macron tem descartado nos seus sete anos como presidente.

Bruxelas vai reter fundos da Hungria

A União Europeia anunciou ontem que vai reter 200 milhões de euros destinados à Hungria, depois de Budapeste não ter pagado uma multa equivalente por violar as regras comunitárias de asilo. Em junho, o Tribunal de Justiça Europeu aplicou à Hungria uma multa milionária e impôs uma multa diária adicional de um milhão de euros por não cumprir uma decisão de 2020 sobre a manutenção dos procedimentos internacionais para requerentes de asilo. O Governo de Viktor Orbán já deixou claro que não iria pagar as multas aplicadas, descrevendo a sanção como “injusta”. O prazo para liquidação da multa expirou na terça-feira.

AFP PHOTO /SATELLITE IMAGE ©2024 MAXAR TECHNOLOGIES

Imagem de satélite mostra o fumo a subir do arsenal de Toropets após o ataque ucraniano.

Ataque de Kiev detetado por monitores de sismos

GUERRA Putin reconheceu que os moradores de Kursk estão em dificuldades, mas disse que problemas serão resolvidos sem demora. Ataque ucraniano atingiu zona a 380 quilómetros de Moscovo.

TEXTO **ANA MEIRELES**

Drones ucranianos atingiram ontem um depósito de armas em Toropets, na Região de Tver, no oeste da Rússia, a cerca de 380 quilómetros de Moscovo, provocando um grande incêndio que levou à retirada de residentes próximos, segundo uma fonte de segurança de Kiev. De acordo com a Reuters, os satélites da NASA detetaram fontes de calor intensas emanando de uma área de cerca de 14 quilómetros quadrados no local nas primeiras horas após o ataque e as estações de monitorização de sismos detetaram o que os sensores pensaram ser um pequeno terramoto.

Vídeos publicados nas redes sociais russas mostravam uma bola de fogo a subir pelo céu, enquanto uma onda de choque se espalhava no solo. Num outro vídeo podiam ver-se colunas de fumo e chamas a subir sobre um lago. Os meios de comunicação estatais russos já haviam noticiado no passado que, no local da explosão, existia um grande arsenal de armas convencionais. Em 2018, o então vice-ministro da Defesa da Rússia, Dmitry Bulgakov, também já tinha dito que iria ser construído em Toropets um arsenal para armazenar mísseis e explosivos.

O inferno provocou uma "retirada parcial dos residentes" na área, enquanto 150 bombeiros e equipas de resgate trabalharam para conter o incêndio, segundo adiantou o governador da Região de Tver, Igor Rudenya. Horas mais tarde, este responsável anunciou que as pessoas tinham sido autorizadas a regressar e que havia a registar apenas feridos ligeiros.

A autoria do ataque foi assumida por uma fonte dos serviços de segurança de Kiev, explicando que os *drones* ucranianos "destruíram um gran- de armazém do principal diretório de mísseis e artilharia do Ministério da Defesa russo na cidade de Toropets". "O armazém continha mísseis para sistemas de mísseis táticos *Iskander*, sistemas de mísseis táticos *Tochka-U*, bombas aéreas guiadas e munições de artilharia. Após os ataques de *drones* ucranianos, deu-se uma detonação extremamente poderosa", acrescentou a mesma fonte.

O tamanho da explosão principal vista num vídeo não-verificado publicado nas redes sociais foi consistente com a detonação de 200 a 240 toneladas de explosivos de alto grau, segundo explicou à Reuters George William Herbert, do Instituto Middlebury de Estudos Internacionais em Monterey, na Califórnia.

Ontem também um porta-voz militar de Kiev afirmou que a contraofensiva russa para recuperar as zonas da região fronteiriça de Kursk sob controlo ucraniano foi interrompida, acrescentando que "vários milhares" de civis russos se encontravam na zona.

Já o presidente russo, Vladimir Putin, reconheceu que os residentes das zonas fronteiriças estão a passar por dificuldades devido aos ataques do Exército ucraniano na Região de Kursk. Mas garantiu que "todos os problemas serão resolvidos sem demora e sem formalidades".

Com **AGÊNCIAS**

Opinião
João Almeida Moreira

Uma cadeirada nas audiências

Na batalha pelas audiências de televisão no Brasil temos, de um lado, a filha de um sambista, um *funkeiro* autor do *hit Vai Malandra*, dois ex-jurados de dois concursos *bregas* de televisão, um ator que interpretava um bombeiro noutro programa *brega* de TV, um ex-companheiro de clube de Neymar, uma ex-namorada de Neymar, um fisioculturista que provocou a separação entre um cantor e uma rainha de bateria de escola de samba, dois ex-participantes de *reality shows*, uma ex-namorada de um ex-participante de *reality show*, a irmã de um ex-participante de *reality show* e um vocalista de uma banda desaparecida nos Anos 80.

E, do outro, temos uma atriz da TV Globo de quem já ninguém se lembra, um outro ex-ator do mesmo canal acabado de sair de uma clínica de reabilitação para toxicodependentes, mais um ex-ator que hoje vende sanduíches na praia, o irmão desbocado de um ator de TV, um ex-ator pornográfico, um apresentador de programas de crime, um ex-marido de uma apresentadora que após o divórcio se tornou a voz dos direitos dos homens maltratados pelas mulheres, um *coach* que esteve preso por roubar um banco *online*, dois ex-participantes de *reality shows*, uma ex-mulher de um cantor sertanejo e a mãe de um *rapper*.

O primeiro grupo integra o elenco da 16.ª edição de *A Fazenda*, *reality show* da TV Record, emissora controlada pela IURD, conhecido por abrigar subcelebridades.

O segundo grupo integra a lista de candidatos às Eleições Municipais de 6 de outubro, um evento também conhecido por abrigar subcelebridades desde, pelo menos, 1959, quando a candidata Cacareco, uma rinoceronte do Zoológico de São Paulo, recebeu cerca de 100 mil votos para vereadora da cidade.

A diferença é que em *A Fazenda*, programa pensado milimetricamente para gerar tumulto entre os participantes, o máximo que se viu até agora foi uma troca de insultos entre o bombeiro e o fisioculturista.

Já na corrida eleitoral, pelo contrário, num debate na insuspeita TV Cultura, domingo, dia 15, o *coach* ladrão provocou o apresentador de programas de crime e acabou a levar uma cadeirada do rival.

Pablo Marçal, o *coach*, agora compara a luxação no dedo que a cadeirada lhe provocou à facada na barriga e ao tiro na orelha que Jair Bolsonaro e Donald Trump sofreram em 2018 e 2024, respetivamente. José Luiz Datena, o apresentador de programas de crime, já disse que não se arrepende. Na internet, o valor da cadeira subiu a valores estratosféricos.

Para capitalizar audiências, o canal Rede TV, que hospedou o debate seguinte, fotografou os funcionários a aparafusar as cadeiras dos candidatos ao chão, não fosse o diabo, ou Datena, tecê-las.

Entretanto, com a Rede TV e mesmo a circunspecta TV Cultura a faturarem graças aos debates, a Record a apimentar *A Fazenda* e a Globo sempre poderosa na liderança, quem se aflige é Ratinho, cujo programa de *trash TV* no concorrente SBT tombou nas audiências. Vai daí já convidou Marçal e Datena para continuarem o "debate" no seu programa.

E eles equacionam participar, porque lixo televisivo e lixo político estão, como se viu, umbilicalmente conectados no Brasil – tanto que um dos pré-candidatos a presidente em 2026 no lugar do inelegível Bolsonaro é o atual governador do Paraná, o respeitável Ratinho Júnior, filho daquele apresentador.

Jornalista, correspondente em São Paulo

Bruno Lage volta ao principal palco europeu, a *Champions*.

BENFICA

LIGA DOS CAMPEÕES
1.ª JORNADA

TERÇA-FEIRA
Juventus-PSV, 3-1
Young Boys-Aston Villa, 0-3
AC Milan-Liverpool, 1-3
B. Munique-D. Zagreb, 9-2
Real Madrid-Estugarda, 3-1
SPORTING-Lille, 2-0

ONTEM
Bolonha-Sh.Donetsk, 0-0
Sp. Praga-RB Salzburgo, 3-0
Celtic-S. Bratislava, 5-1
C. Brugge-B. Dortmund, 0-3
Manchester City-Inter Milão, 0-0
PSG-Girona, 1-0

HOJE
Estrela Vermelha-**BENFICA** (17.45) - Sport TV5
Feyenoord-B. Leverkusen (17.45)
Atalanta-Arsenal (20.00)
Atl. Madrid-RB Leipzig (20.00)
Brest-Sturm Graz (20.00)
Mónaco-Barcelona (20.00)

Todos os jogos com transmissão na Eleven Sports

Benfica volta ao *Maracanã* de Belgrado e Bruno Lage espera ir mais longe do que foi em 2019-20

LIGA DOS CAMPEÕES Treinador benfiquista diz que não tem tempo a perder com questões colaterais: "É jogar e ganhar." Encontro com o Estrela Vermelha é às 17.45 (Sport TV5).

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

O Benfica volta a jogar no *Marakana* – o famoso *Maracanã* de Belgrado –, onde há 40 anos perdeu com o Estrela Vermelha, adversário de hoje (17.45, Sport TV5) na estreia na renovada Liga dos Campeões. Uma competição em que Bruno Lage procura ser feliz, depois de uma má campanha em 2019-20, época em que ficou pela fase de grupos, com duas vitórias, um empate e três derrotas.

Vencer o atual heptacampeão sérvio é, assim, também um desafio pessoal para o técnico, que procura a primeira vitória fora na *Champions*. A deslocação à Sérvia servirá para ver como a equipa se porta nos palcos europeus, apesar do pouco tempo de trabalho do novo técnico e do triunfo diante do Santa Clara (4-1), num momento conturbado para o clube, mas Bruno Lage mostrou-se com pouca paciência para assuntos colaterais: "Não tenho tempo a perder com essas questões. O que quero é que a equipa tenha dinâmica de vitória, vá atrás dessa cultura, dando sequência ao trabalho que temos feito. Temos de nos focar no que podemos fazer em campo. É jogar e ganhar."

Segundo o treinador do Benfica, tem "sido fácil blindar" o balneário ao ruído exterior. "Estamos focados no trabalho e os atletas têm a experiência de saber onde focar. Criar dinâmicas e comportamentos tem sido o nosso foco. Depois do Santa Clara, [é de] referir que vários comportamentos foram bons e um deles foi a ambição de vencer e fazer bem. Queremos prolongar isso. É representar em campo o que o clube representa", defendeu o técnico, que tem nove jogadores à espera de se estrearem na *Champions*. Caso de Carreras, Beste, Leandro Barreiro, Rollheiser, Prestianni, Pavlidis, João Rego, Bajrami e André Gomes.

Esta será apenas a segunda vez que os dois clubes se encontram oficialmente, depois de se terem defrontado em 1984-85, na 1.ª eliminatória da então Taça dos Clubes Campeões Europeus. Nessa época, as águias acabariam por vencer em Lisboa (2-0), depois de terem perdido na Jugoslávia (3-2), no atual Estádio Rajko Mitic, mais conhecido por *Marakana*. O recinto tinha uma lotação a rondar os 110 mil adeptos e semelhanças com o gigante estádio do Rio de Janeiro e acolheu o Brasil no último jogo de Pelé ao serviço da seleção brasileira em 1971, ano em que foi reinaugurado com o Benfica de Eusébio como convidado e uma vitória dos encarnados (3-2).

O jogo de hoje será certamente diferente desse e daquele de há 40 anos, mas, segundo Bruno Lage, será disputado com a mesma paixão pelo futebol. "O Estrela Vermelha defende com uma linha de 4, portanto a dinâmica defensiva é logo diferente da do Santa Clara. Temos de perceber como eles pressionam e que tipo de espaço oferecem, para tentarmos aproveitar. Olhar para o adversário e em função das nossas características, escolher a melhor estratégia. Fizemos um bom trabalho nos últimos dias, em dar aos atletas toda a informação para fazerem um bom jogo", disse o técnico, sem querer revelar as conversas que tem tido com Aursnes, que é "solução" para hoje.

A influência de Schmidt

Para Bruno Duarte, avançado brasileiro que em Portugal representou o Guimarães e o Farense, "o Estrela Vermelha é enorme, tão grande quanto o Benfica", mas com uma "diferença ao nível do investimento". Já o treinador da equipa sérvia relativizou a mudança de equipa técnica na Luz.

"Aprecio muito o ex-treinador Schmidt, do tempo do Leverkusen e da China. Deixou uma marca profunda, mas o novo também conhece o sistema. É preciso compreender se é um clube que tem um sistema estabelecido há anos. Quando assim é, e quando funciona, as mudanças não causarão grandes problemas", disse Milojevic, que pediu aos seus jogadores para desfrutarem do jogo com o Benfica, simplesmente, porque eles "merecem".

isaura.almeida@dn.pt

Argentino Nolito travou ambições portuguesas a 12 segundos do fim do jogo.

FPP

Um empate e uma vitória histórica na cimeira luso--argentina sobre patins

MUNDIAL Seleção feminina garantiu o 1.º lugar do grupo ao bater as Campeãs do Mundo (3-2). Equipa masculina empatou (4-4).

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

Um golo do argentino Nolito Romero, bem conhecido dos portugueses, a 12 segundos do fim do jogo permitiu à Argentina empatar com Portugal (4-4), que assim terminou o Grupo A do Mundial de Hóquei em Patins em 2.º lugar. Já a seleção feminina conseguiu vencer a rival albiceleste (3-2), 12 anos depois, e garantiu a passagem aos quartos-de-final na liderança.

Em masculinos, tanto a seleção portuguesa como a argentina já estavam apuradas para os quartos com duas vitórias em dois jogos, mas faltava decidir quem terminaria líder. E ontem, em encontro da 3.ª jornada do Mundial de Novara, a balança de um jogo equilibrado e espetacularmente bem jogado acabou por cair para o lado dos sul-americanos graças a um golo de um jogador do Sporting... que bateu o seu colega de equipa e guarda-redes de Portugal, Ângelo Girão.

Hélder Nunes (2), Rafa e Gonçalo Pinto fizeram os golos de Portugal, enquanto Lucas Ordoñez (3) e Nolito Romero marcaram para a Argentina, a quem bastava o empate para terminar no 1.º lugar e marcar encontro com Andorra. Já Portugal irá jogar os quartos-de-final com a França, 3.º colocado do Grupo B.

Uma vitória 12 anos depois

A seleção feminina venceu a Campeã do Mundo Argentina (3-2) na última jornada do Grupo A, selando a passagem aos quartos-de-final com a liderança do grupo.

> Doze anos depois, a seleção feminina conseguiu vencer (3-2) a Argentina, atual Campeã Mundial, e garantir a passagem aos quartos-de-final da competição como líder do grupo.

Após os triunfos sobre Colômbia (5-0) e França (5-0), o selecionador Hélder Antunes conseguiu a terceira vitória em outros tantos jogos.

Portugal entrou melhor e chegou ao intervalo a vencer por 2-0, graças a dois golos de Joana Teixeira e a uma exibição monstruosa de Cláudia Vicente na baliza portuguesa. Depois, na segunda parte, Raquel Santos aumentou a vantagem, mas a Argentina respondeu com dois golos de Lucía Maldonado e Portugal teve de mostrar que conseguia aguentar a vantagem até ao fim e conseguiu-o.

Uma vez que as oito seleções presentes no Campeonato do Mundo de Novara estarão nos quartos-de-final, a fase de grupos serviu apenas para definir quem joga com quem. Sendo líder do Grupo A, Portugal jogará ante a 4.ª classificada do Grupo B – Espanha, Chile ou Inglaterra.

A seleção portuguesa procura conquistar o troféu pela primeira vez desde que há Mundial Feminino (1992), sendo que Espanha (7) e Argentina (6) têm dominado.

isaura.almeida@dn.pt

Seleção de futsal quer honrar os "verdadeiros campeões" que combatem os fogos

MUNDIAL Portugal joga hoje com o Tajiquistão (16.00, RTP1) e pode apurar-se para os quartos-de-final.

O selecionador Jorge Braz e o jogador Bruno Coelho querem dedicar uma vitória no jogo de hoje, frente ao Tajiquistão (16.00, RTP1), aos bombeiros e forças de segurança que estão a combater os incêndios em Portugal.

"Há coisas muito mais importantes do que um Campeonato do Mundo. São momentos extremamente difíceis para a população e vai um abraço enorme de força para os verdadeiros campeões, que têm sido os bombeiros e todas as forças de segurança que têm colaborado neste momento muito difícil. A seleção portuguesa de futsal está com eles", disse o selecionador, na antevisão do segundo encontro de Portugal no Mundial.

Uma mensagem de incentivo também partilhada pelo vice-capitão Bruno Coelho, que espera um Tajiquistão "mais intenso e forte fisicamente" do que foi o Panamá, que saiu derrotado por 10-1.

Para Jorge Braz "o Tajiquistão é daquelas equipas que está com um entusiasmo brutal por ser a estreia num Mundial", depois de uma Taça da Ásia muito boa, e não têm nada a perder: "É uma equipa muito alegre a jogar e galvanizada. Nós vamos ser Portugal, organizados e pacientes."

A seleção portuguesa é líder do Grupo E, com 3 pontos, e defronta o Tajiquistão, 3.º, que ainda não pontuou, na Humo Arena, em Tashkent, num jogo antecedido pelo confronto entre Marrocos (tem 3 pontos) e Panamá (último, sem pontos). Por isso, quando entrar em campo, a seleção nacional de futsal já saberá se o triunfo valerá o apuramento para os quartos-de-final do Mundial.

BENFICA

Benfica vence e fica perto da *Champions*

O Benfica deu um passo importante rumo a uma quarta presença seguida na fase de grupos da Liga dos Campeões feminina de futebol, ao vencer o Hammarby (2-1), na Suécia, na primeira mão da segunda ronda de qualificação. Julie Blakstad deu vantagem às anfitriãs, mas a espanhola Cristina Martin-Prieto e Andreia Norton selaram a reviravolta encarnada. O encontro da segunda mão está marcado para o próximo dia 25, no Seixal.
Hoje o Sporting recebe o Real Madrid, às 16.00 horas, em Alcochete.

Um drama que teve direito a seleção oficial no Festival de Toronto.

O quarto do pai

DRAMA Três filhas cuidam de um pai à hora da morte. *As Três Filhas*, de Azazel Jacobs, é um bom filme de atrizes e a última palavra na matéria dos melodramas de famílias disfuncionais. Estreia-se amanhã na Netflix.

TEXTO **RUI PEDRO TENDINHA**

Dentro do nicho dos filmes sobre famílias disfuncionais e com rivalidade fraternal parece ter havido um impasse. O cinema americano costuma fazer desses pequenos dramas uma coleção de desfiles de personagens neuróticas, com muitos berros, lágrimas, reconciliações e tudo o resto que o catálogo carrega. Pois bem, neste filme Azazel Jacobs não retira os berros, as lágrimas e as reconciliações, mas sabe ser honesto em não querer ser "inovador" ou surpreendente. Aliás, o *twist* da história é não ter *twist*: *His Three Daughters* é o que mostra logo – um drama de família que é uma sessão de terapia de neurose pura e dura.

As irmãs do título estão reunidas no apartamento de Nova Iorque de seu pai, um idoso viúvo acamado e à espera da morte no quarto ao fundo. As três obviamente não se dão bem, cada uma a lidar com a sua crise psicológica. Katie, a mais velha é a controladora, é ela quem está a cuidar de todos os detalhes da morte que aí vem, em especial de detalhes sobre o funeral e a forma como os cuidados paliativos são efetuados. Depois, no meio, Rachel, a filha não-biológica, alguém que parece viciada em erva e em apostas desportivas, mas é a única que dá apoio real ao pai em casa. Por fim, Christina, a que vive mais longe, a conciliadora, mas que demonstra estar sempre à beira de um ataque de nervos.

Nestes dias antes da inevitável hora da partida vão tentando gerir as suas diferenças, mas, ao mesmo tempo, celebrar as memórias de um pai que amam muito. O dispositivo é quase todo sustentado através de discussões num só *décor*: a sala de estar. Jacobs tira partido da beleza das pequenas coisas: uma porta entreaberta, um momento para *yoga*... Estrutura com tempos de teatro, sobretudo amplificada por intermédio de um texto que permite que as palavras tenham um peso que não se esvai.

Desta forma, é um filme aberto às possibilidades do palco, mas sem nunca retirar os processos do cinema e aí há que brindar à forma como a fotografia em *décor* fechado faz coisas mágicas e como a música de Rodrigo Amarante embala tudo…

Não é vaidade de atrizes...

À partida, com uma premissa destas, poderíamos estar perante um daqueles projetos pequenos feitos para a vaidade das atrizes, mas neste caso é diferente, mesmo quando as três filhas (filhas, antes de irmãs…) dão papéis saborosos às atrizes. E Jacobs não desperdiça a oportunidade: dá-lhes todo o holofote. Sem medos, este é também um filme de atrizes. Um trabalho a três onde todas se equilibram.

Alguma da imprensa americana está a ir ao céu com a interpretação de Natasha Lyonne, é ela quem se destaca com a personagem mais exuberante. Uma felicidade reencontrar a atriz de *But I'm a Cheerleader* e da série *Poker Face* a poder dar uso ao seu carisma de ruiva acintosa.

Trata-se de uma presença que nos desestabiliza no bom sentido. Mas também há o regalo de ver Elizabeth Olsen longe dos registos da Marvel. Se há aqui propensão para superpoderes, serão os da normalidade. O seu lado pacificador tem uma tonalidade que remete para uma certa escola teatral à Neil LaBute.

E é igualmente impossível não nos curvamos perante Carrie Noon, atriz que é mais conhecida pelo trabalho na nova vida da saga *Os Caça-Fantasmas*, mas que é no cinema *indie* que tem mostrado talento, em especial em *O Ninho*, de Sean Durkin. Uma atriz sem receio de não ir pelos caminhos mais fáceis no turbilhão de emoções do estereótipo da mulher forte que, afinal, é bem vulnerável.

As três juntas, na suas implicações constantes, irritam? Sim, mas é uma daquelas irritações que compensa. Compensa e recompensa.

O que é isso?!

Neste cinema que vive da angústia real, a realização de Jacobs é também engenhosa no contorno ao facilitismo da manipulação das emoções. Chega a ser realmente seca, mesmo quando surgem momentos deveras comoventes. *As Três Filhas* é para ver de olhos molhados, enquanto o anterior *Plano de Fuga* (2020) era para ser visto com sorriso cínico, em parte devido ao enorme trabalho de Michelle Pfeiffer. O caso de um cineasta atento e sensível ao material apetecível da neurose feminina. David Byrne perguntaria: "Neurose feminina, *qu'est-ce que c'est*?"

O mapa das estrelas

	JOÃO LOPES	RUI PEDRO TENDINHA	INÊS N. LOURENÇO
AS TRÊS FILHAS		★★★	
THE ROYAL HOTEL	★★★	★★★	
UM ANO DIFÍCIL			★
GRAND TOUR	★★★	★★★	★★★
IRIS E OS HOMENS		★★★	★★
REALITY	★★★★		★★★
A PEDRA SONHA DAR FLOR	★★★	★★★	★★★
UBU		★★★	★★
SALVAÇÃO		★★★	
BEETLEJUICE BEETLEJUICE	★★	★★★	★★★★

● Mau ★ Medíocre ★★ Com interesse ★★★ Bom ★★★★ Muito bom ★★★★★ Excecional

Um filme "ecológico" que representa um desperdício de atores.

Um *Ano Difícil*, um filme fácil

COMÉDIA DRAMÁTICA Novo conto temático dos realizadores do estrondoso sucesso *Amigos Improváveis*, *Um Ano Difícil* centra-se em dois homens endividados que se juntam a um grupo de ativistas climáticos. Um filme de bons sentimentos e nada mais.

TEXTO **INÊS N. LOURENÇO**

Não se pode dizer que a dupla de realizadores Éric Toledano e Olivier Nakache não seja coerente e sincera naquilo que faz. Até à data, o seu cinema de argumentos humanos tem configurado uma sucessão de temas com potencial popular, de que *Amigos Improváveis* (2011) será o exemplo maior – foi o filme que revelou definitivamente Omar Sy e é aquele que traduz um livro de estilo, através de uma história de amizade que muda a vida dos dois protagonistas, um aristocrata tetraplégico e o seu cuidador oriundo de um bairro problemático... Depois deste êxito gigantesco (que teve direito a um *remake* americano), Toledano e Nakache já tocaram uma variedade de temas socialmente relevantes, desde o autismo à imigração, e são os primeiros a reconhecer o método segundo o qual os filmes nascem de uma combinação de bons atores com uma temática que lhes interessa.

Oitava longa-metragem da dupla, *Um Ano Difícil* vem, pois, confirmar essa regra produtiva, desta vez juntando nomes como Mathieu Amalric, as jovens talentosas Noémie Merlant e Luàna Bajrami (ambas de *Retrato da Rapariga em Chamas*), Pio Marmaï e Jonathan Cohen (que foram brilhantes na recente comédia *Daaaaaalí!*).

E o que é que se extrai deste quadro de valor? Um filme de receita pronta, com um manual de bons sentimentos demasiado exposto e uma forma algo desajeitada de usar a banda sonora – há uma cena com *The End*, dos Doors, em fundo que não está longe de um atentado artístico...

Digamos, para fazer alguma justiça ao objeto, que *Um Ano Difícil* até tem um início inteligente: uma montagem de excertos com os vários presidentes franceses, ao longo do tempo, a anunciarem a dado ponto que o ano X foi, ou virá a ser, "difícil". Daí passa-se, com uma nota de gravidade calculada, para o novo tema que atraiu Toledano e Nakache, a saber, a crise climática e – associada a ela – a sociedade hiperconsumista, mostrando um grupo de ativistas que tenta travar a multidão à frente de uma loja em plena *Black Friday*. Precisamente, a ocasião em que os protagonistas desse lado confrontam um dos protagonistas do lado dos consumidores compulsivos, a certa altura, como seria de esperar, destinado a render-se à urgência (justificada) dos jovens ativistas.

Entre gente endividada, a viver como sem-abrigo, e militantes de uma causa séria (estes segundos, às vezes roçam a caricatura da ecoansiedade), os realizadores tentaram simplesmente renovar aquela velha ideia da atração dos opostos, para tornar o mundo legível a partir de uma dinâmica, ou mecanismo, de comédia dramática reconfortante, em que a noção de complexidade é só aparente.

Enfim, um argumento muito pobre. Mas o que custa mesmo é o desperdício de atores, que dão o seu melhor na gestão de um singelo humanismo pronto a consumir.

Para usar uma expressão que se ouve repetidamente no filme como mantra contra o consumismo: "Preciso mesmo disto?" A resposta está dada.

Julia Garner numa inquietante aventura australiana.

Do pitoresco à violência

MEDO *The Royal Hotel* é um filme australiano que pode ser visto nos ecrãs caseiros, confirmando o talento da realizadora Kitty Green, agora encenando a aventura inquietante de duas jovens num cenário pouco acolhedor.

TEXTO **JOÃO LOPES**

Eis mais um filme que não passou pelas salas, entrando diretamente nos circuitos caseiros: *The Royal Hotel* é uma realização da australiana Kitty Green, tendo integrado, o ano passado, a programação dos festivais de San Sebastián e Londres – está disponível, com o título original, no TVCine Top.

A sinopse diz-nos que se trata da odisseia de duas jovens canadianas, em viagem pela Austrália; depois de gastarem todo o seu dinheiro em Sydney, decidem aceitar um emprego no Royal Hotel de uma pequena povoação mineira, no meio do deserto, local especialmente lúgubre, com uma população não muito acolhedora. Dito de outro modo: estavam reunidas as condições para mais um disparate (dito) de terror em que as incautas heroínas vão encontrar uma galeria de personagens ameaçadoras, porventura vindas de outra galáxia…

Nada disso. Aliás, embora tal referência não seja explicitada (a não ser no genérico final), *The Royal Hotel* inspira-se em vivências já retratadas em *Hotel Coolgardie* (2016), de Pete Gleeson. Neste documentário evocava-se a experiência de duas jovens finlandesas que, com a mesma candura, aceitaram um emprego semelhante para descobrirem, à sua própria custa, que foram contratadas para servir intermináveis quantidades de álcool aos mineiros da região, supostamente "disponíveis" para todas as formas de abuso emocional e sexual.

Conhecíamos o trabalho de Kitty Green através desse filme magnífico que é *A Assistente* (2019), com a brilhante Julia Garner no papel de uma jovem que começa a trabalhar no escritório de uma produtora de cinema em Nova Iorque, descobrindo que a sua "função" é garantir a boa gestão de todo o tipo de tarefas, exigências e abusos do patrão. Garner regressa como uma das protagonistas de *The Royal Hotel*, ao lado de Jessica Henwick: as suas composições vão evoluindo através de um bizarro cruzamento de sedução e medo num cenário que, muito cedo, desmente todas as ilusões mais ou menos idílicas.

A partir dos primeiros momentos, torna-se óbvio que o Royal Hotel está longe de ser um local paradisíaco: o eventual pitoresco da paisagem coexiste, afinal, com uma violência endémica. Na sua austeridade, a *mise en scène* de Kitty Green distingue-se pela criação de um clima em que a mais profunda inquietação nasce de uma lenta e sábia gestão dos tempos narrativos – no limite, o gesto de colocar uma bebida em cima do balcão sob o olhar gélido de um dos mineiros pode equivaler à sensação de uma ameaça visceral.

Estamos perante uma pequena produção australiana capaz de transfigurar um lugar sem fotogenia num espaço de genuíno dramatismo – neste aspeto, a direção fotográfica de Michael Latham revela-se decisiva. Curiosidade a reter: o dono do hotel, ele próprio a vogar entre a organização profissional e o delírio do álcool, é interpretado por Hugo Weaving, o eterno Agente Smith de *Matrix*.

***Viet and Nam*: revelação em Cannes, agora no *Queer Lisboa*.**

Festival *Queer* propõe viagem estética e filosófica

CINEMA Começa amanhã a 28ª edição do *Queer Lisboa*, com o já habitual prolongamento no Porto: um festival apostado em fazer um ponto de situação das sensibilidades *queer*, observando em particular as respetivas vivências num mundo em que o valor da solidariedade nem sempre está presente.

TEXTO **JOÃO LOPES**

Está a chegar a 28ª edição do *Queer Lisboa* – a partir de amanhã, e até dia 28, no Cinema São Jorge e na Cinemateca Portuguesa. Sem esquecer que, já há alguns anos, o festival se "duplica" (com algumas diferenças de programação) no *Queer Porto*: a 10ª edição decorre entre 8 e 12 de outubro, com sessões nos Cinemas Batalha e Passos Manuel, e também na Casa Comum da Reitoria da Universidade do Porto.

Ao longo dos anos, o festival foi-se afirmando através de uma crescente diversidade de programação, integrando também, além das secções competitivas (longas e curtas-metragens), exposições, debates e *performances*. Mais do que isso: propondo escolhas temáticas e narrativas capazes de estabelecer pontes de informação e reflexão com a conjuntura social e política, nacional e internacional.

Isso mesmo é sublinhado por João Ferreira, diretor artístico do certame, num texto – sugestivamente intitulado "Do outro lado de cá" – que começa por situar a encruzilhada global em que acontece esta edição: "Dizer que o *Queer Lisboa* conhece a sua 28ª edição, neste ano de 2024, num contexto mundial particular desafiante, seria um eufemismo. A atual situação política global, e as suas consequências sociais e culturais, é um desastre há muito anunciado e um rastilho para um futuro próximo que dificilmente vislumbramos sem um manto de desesperança."

O ceticismo desta contextualização situa o cinema *queer* para lá de um território meramente "temático" ou "estético", considerando que estamos a viver um momento em que os projetos de paz mundial e defesa dos Direitos Humanos gerados após a Segunda Guerra Mundial se desvaneceram: "É certo que nestes quase 80 anos foram demasiados os conflitos e os ataques a esses mesmos Direitos Humanos, mas foram também muitas as conquistas no sentido de construir uma sociedade que acreditaríamos, no século XXI, viesse a ser mais justa, mais empática, mais solidária. Seria de esperar que tivéssemos aprendido com os nossos muitos erros históricos. Pelo contrário."

Atualidades & memórias

O *Queer Lisboa 28* apresenta uma programação que, desde logo nas secções competitivas, dá a ver as singularidades humanas e cinematográficas das sensibilidades *queer*. Um bom exemplo poderá ser o drama vietnamita *Viet and Nam*, realizado por Truong Minh Quy, uma das mais belas revelações do Festival de Cannes deste ano (na secção *Un Certain Regard*): a relação de dois jovens mineiros desenha um mapa de sonhos e desejos cujas ressonâncias simbólicas envolvem tanto a intimidade sexual como as convulsões históricas do próprio país.

Ainda entre as longas-metragens, refiram-se os exemplos de *La Pampa*, do francês Antoine Chevrollier, desmontando as teias da homofobia numa pequena comunidade rural, *Light Light Light*, da finlandesa Inari Niemi, crónica de afetos assombrados pelo desastre de Chernobyl, ou *Stress Positions*, de Theda Hammel, cineasta trans norte-americana, revisitando memórias do confinamento em registo de comédia.

Quanto a títulos portugueses, assinale-se a presença de *Seu Nome Era Gisberta*, de Sérgio Galvão Roxo (coprodução com o Brasil), e *As Minhas Sensações São Tudo o Que Tenho para Oferecer*, de Isadora Neves Marques, ambos na competição de curtas-metragens.

Também já com lugar cativo na programação do festival, a secção Panorama apresenta três filmes com relações muito diretas com diferentes linguagens artísticas. O destaque vai para *Hidden Master: The Legacy of George Platt Lynes*, de Sam Shahid, sobre uma figura cuja verdadeira descoberta foi muito tardia – as fotografias de George Platt Lynes (1907-1955) são mesmo reconhecidas como importante influência na obra de Herb Ritts ou Robert Mapplethorpe. Será ainda possível redescobrir o universo musical e simbólico de Peaches, em *Teaches of Peaches*, de Philipp Fussenegger e Judy Landkammer, ou recordar o clássico *Teorema* (1968) de Pier Paolo Pasolini, através de *The Visitor*, releitura/reencenação de Bruce LaBruce, ele que é uma referência lendária do *Novo Cinema Queer* emergente na década de 1990.

Há ainda uma retrospetiva, neste caso de William E. Jones (nascido na cidade de Canton, Ohio, em 1962). Eis um criador apostado em refletir as convulsões iconográficas e narrativas que determinam a nossa perceção da arte e da política, numa dinâmica capaz de ligar as sexualidades e a filosofia — os seus filmes poderão ser vistos, a partir de sábado, na Cinemateca.

Yum Cha e *Dim Sum*: o sabor de Guangdong, Hong Kong e Macau

A cultura do *Yum Cha* é parte importante da cultura gastronómica tradicionail chinesa, sendo um modo de vida e um hábito social em certas regiões do sul da China. Nas casas de chá, as pessoas tomam esta bebida, enquanto comem vários petiscos, conversando e desfrutando a vida e seu o tempo de lazer.

O *Dim Sum* é rico em diversidade, requintado e fácil de digerir. A sua grande variedade é impressionante.

Em Macau, as pessoas geralmente cumprimentam-se com "*Dak Han Yum Cha*" (literalmente traduzido como "Se tiver tempo, vamos tomar chá"). Trata-se duma saudação comum nas regiões de Guangdong, Hong Kong e Macau, no sul da China. O *Yum Cha* (tomar chá) é uma tradição especial que consiste em ir a uma casa de chá ou restaurante cantonês, onde se pode desfrutar de chá e *Dim Sum* (petiscos), enquanto se conversa e se relaxa. O chá pode ser tomado de manhã, ao meio-dia ou à tarde, sendo o da manhã o mais popular.

A cultura do *Yum Cha* teve origem nos *Erliguan*, que são estabelecimentos de chá espalhados por Guangzhou (Cantão), onde os trabalhadores braçais descansavam e bebiam chá de baixo custo. Mais tarde, oferecia-se também pão com recheio de carne, *Zongzi* (pastel de arroz glutinoso) e outros petiscos bons e baratos para matar a fome. Com o passar do tempo, tomar chá com petiscos tornou-se muito popular, e os estabelecimento de chá passaram a ser muito procurados pelos chineses como locais ideais para conversar. Eis a casa de chá inicial ao estilo cantonês. Posteriormente, foram construídas casas de chá em grande escala com decorações luxuosas para satisfazer a procura de pessoas ricas e poderosas.

O que podemos comer durante o *Yum Cha*? Os petiscos são tradicionalmente divididos em cinco categorias, conforme o método de preparação e os sabores, nomeadamente os petiscos cozidos a vapor, os fritos, os assados (*tostados*), as sobremesas e a sopa.

Os petiscos cozidos ao vapor são mais comuns, e são-no em pequenas cestas de bambu para preservar os sabores originais e delicados. Os pratos clássicos incluem: o *Hargow*, *Jiaozi* com pele fina, a envolver camarões suculentos, cozidos ao vapor até se tornarem semitransparentes como cristal; o *Lomaigai*, que contém arroz glutinoso, carne de frango, cogumelos e outros ingredientes, embrulhados em folhas de lótus, que, quando cozido a vapor, tem o aroma da folha de lótus; e o *Siumai*, feito com carne de porco, camarão e cogumelos picados como o recheio, embrulhado numa fina massa folhada e com um camarão no topo.

Os petiscos fritos são caracterizados pela sua textura crocante, sendo o crepe um dos mais comuns. Quanto aos pratos assados, a pastel de ovo cantonense é o mais representativo, que surgiu no início do século XX em casas de chá e padarias ocidentais em Guangzhou, e é provavelmente um produto da fusão culinária da sobremesa britânica *custard tart* e da sobremesa tradicional cantonesa *Dundan* (pudim de ovo cozido a vapor).

A tarte de ovo cantonense é semelhante ao pastel de nata, mas há algumas diferenças: a tarte cantonense tem uma massa folhada típica dos doces chineses. Usa-se a banha, em vez da manteiga, e menos açúcar. Com a exclusão do creme, a superfície queimada não apresenta as manchas de cor âmbar típicas dos pastéis de nata de Portugal.

Entre as sobremesas, as mais famosas são o *Yangzhiganlu* – uma refrescante mistura de manga, sago, leite de coco e polpa de toranja – e o Leite de pele dupla, feito com leite, clara de ovo e açúcar, é cremoso e suave.

No que diz respeito à sopa de arroz, a que leva *Songhuadan* (ovo preservado) e carne magra é a mais popular e saborosa.

O *Yum Cha* já faz parte da vida quotidiana das pessoas em Guangdong, Hong Kong e Macau, sendo uma forma importante de saborearem petiscos em encontros familiares e com amigos, e desfrutarem os seus tempos livres.

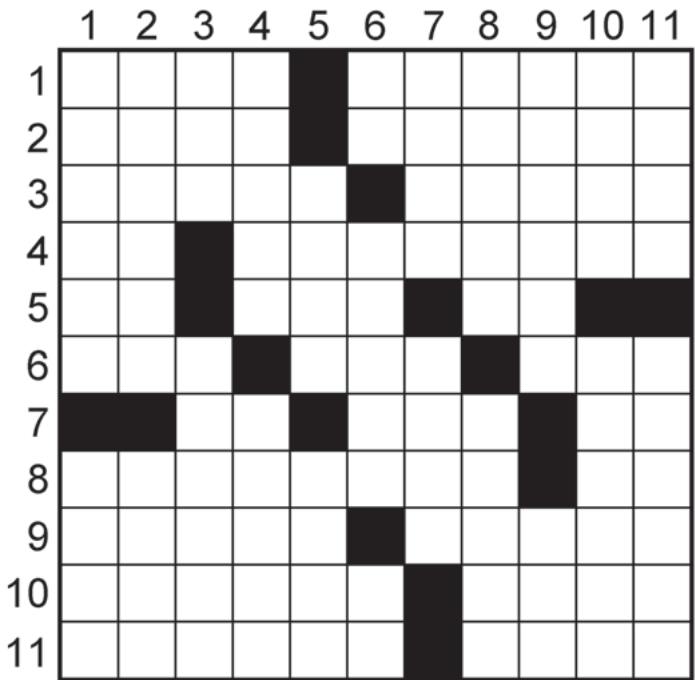
Hoje em dia, há muitos restaurantes cantoneses que servem *Dim Sum* em cidades portuguesas, como Lisboa e Porto. Se já experimentaram *Hot Pot* picante e pratos chineses comuns, como a massa frita de carne de vaca e o arroz frito, não deixem de provar *Dim Sum* cantonês, que inclui uma variedade de petiscos que satisfazem os diferentes gostos de qualquer pessoa. Talvez seja a melhor forma de conhecer a vida quotidiana dos habitantes de Guangdong, Hong Kong e Macau, e a sua cultura gastronómica.

Se tiverem interesse pela cultura chinesa, sintam-se à vontade para deixar os vossos comentários através do *e-mail*: *contato.cultchina@gmail.com.*

A tarte de ovo cantonense é popular pela sua delícia, e é vista como um dos 4 tipos de *Dim Sum* mais clássicos, a par do *Siumai* (*ravioli* vertical aberto), do *Hargow* (*jiaozi* com recheio de camarão) e do *Chasiubao* (pão recheado com churrasco de carne de porco).

Em Guangdong, Hong Kong e Macau, o *Yum Cha* não é simplesmente uma refeição matinal, mas também um estilo de vida e uma forma de convívio social.

INICIATIVA DO MACAO DAILY NEWS

PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais: **1.** Sumo. Peixe comum em Portugal, também conhecido por sarda. **2.** Governador árabe. Pressionar o botão de um rato ou outro apontador. **3.** Porção de fio dobado. Valor cambial. **4.** Presidente da República (abreviatura). Meter em balsa (vinho ou mosto). **5.** Rádio (símbolo químico). Oceano. Elas. **6.** Ligação (figurado). Lista. Reza. **7.** A unidade. Sinal gráfico que serve para nasalar a vogal a que se sobrepõe. Empresa Pública. **8.** Rigoroso. «De» + «a». **9.** Outeiro. Criador. **10.** Pessoa que trata de negócios alheios. Caruma (popular). **11.** Ruminar. Levantar.

Verticais: **1.** Em todo o tempo. Escavar. **2.** Relativo ao úmero. Governa. **3.** Serviços Secretos dos EUA. Outra pessoa. **4.** Disciplina. Tépido. **5.** Adorar. Dom natural. **6.** Numeração romana (200). Gomo ou rebento, nas plantas. Érbio (símbolo químico). **7.** Espírito. Papel ou pano coberto com uma massa impregnada de areia para polir. **8.** Designação popular da guitarra clássica. Ardósia. **9.** Entrada. Um certo. **10.** Faixa de rio, navegável e paralela à margem. Manga de vidro para resguardar coisas delicadas, especialmente imagens de santos. **11.** Sulcar. Cortar as beiras de.

SUDOKU

		2		7	4		6	
5	4			9		1		
		9	8					7
2	7			6		5		
		5		1			3	
6					9	2		4
		4	6		2			9
1						8		
	8		1		5		7	

SOLUÇÕES

8	1	2	5	7	4	9	6	3
5	4	7	3	9	6	1	2	8
3	6	9	8	2	1	4	5	7
2	7	8	4	6	3	5	9	1
4	9	5	2	1	8	7	3	6
6	3	1	7	5	9	2	8	4
7	5	4	6	8	2	3	1	9
1	2	6	9	3	7	8	4	5
9	8	3	1	4	5	6	7	2

Palavras Cruzadas
Horizontais:
1. Suco. Cavala. 2. Emir. Clicar. 3. Meada. Moeda. 4. PR. Embalsar. 5. Ra. Mar. As. 6. Elo. Rol. Ora. 7. Um. Til. EP. 8. Ortodoxo. Da. 9. Cerro. Autor. 10. Agente. Sama. 11. Remoer. Alar.
Verticais:
1. Sempre. Ocar. 2. Umeral. Rege. 3. CIA. Outrem. 4. Ordem. Morno. 5. Amar. Dote. 6. CC. Broto. Er. 7. Alma. Lixa. 8. Viola. Lousa. 9. Acesso. Tal. 10. Lada. Redoma. 11. Arar. Aparar.

O *fire pit* é aceso esta sexta-feira no centro do Estoril.

HAYLEY KELSING

HAYLEY KELSING

MANUEL MANSO

Um festival à volta da fogueira

CASCAIS Três *chefs* internacionais, 27 *chefs* nacionais e 12 concertos. É este o cartaz do *Chefs on Fire*, que regressa a Cascais para celebrar a gastronomia do fogo.

TEXTO **SOFIA FONSECA**

Marisco com mexilhões fumados em feno e molho de chili fumado é a proposta de Ana Ortiz, a *chef* internacional convidada do primeiro dia do *Chefs on Fire Cascais* deste ano. Já na sua 6.ª edição, o evento, que reivindica o título de maior festival de fogo da Europa, tem um conceito simples: acender uma fogueira e reunir à volta dela muitos talentos gastronómicos e musicais. A festa arranca esta sexta-feira na FIARTIL – espaço de eventos no centro do Estoril – e prolonga-se até domingo, apresentando um vasto leque de sugestões gastronómicas feitas no fogo numa viagem que percorre três países, guiados por 27 *chefs* nacionais e três internacionais, e ainda 12 concertos.

Na sua primeira vinda a Portugal, aquela que criou a marca *Fire Made*, vem mostrar os paladares do Equador, onde nasceu. Influenciada pela cozinha de fogo do avô onde se preparavam os banquetes familiares e pelos assados e *parrilladas* do pai, Ana Ortiz abre o *fire pit* esta sexta-feira.

A viagem gastronómica segue depois, no sábado, até França, com a *chef* Louise Bourrat, do Boubou's, restaurante de *fine dining* em Lisboa, onde concretiza uma cozinha elegante e feminina de inspiração francesa. A proposta que leva até Cascais é de uma salada de batata, vinagrete ao carvão e pimenta Szechuan e espuma de batata fumada.

No domingo, o *chef* Helt Araújo, da Flor do Duke, em Luanda, apresenta os sabores de Angola, bem presentes no Brás de mandioca com *menha Ndung*, *jimboa* e *zabayon* de peixe seco com pó de *catato*.

Já com água na boca? Há muito mais para saborear, avisamos já. Estes são os três *chefs* internacionais convidados, mas há mais 27 nacionais no cartaz deste *Chefs on Fire*, que incluem oito estrelas Michelin e novos talentos. E todos eles são garantia de talento, criatividade e diversidade.

JOANA FREITAS

O recinto está aberto das 12.00 à meia-noite, estando disponíveis bilhetes diários e passes de 3 dias, que incluem 15 doses e 10 bebidas.

Primeiro os estrelados. No sábado, Rodrigo Castelo, do Ó Balcão, em Santarém, apresenta javali, maionese de *Kimchi* e *pickles* de pepino na pombinha; André Cruz, do Feitoria, em Lisboa, aba de vaca assada, arroz no *infernillo*, *chimichurri* e molho de *chipotle*; e Pedro Pena Bastos, do Cura, também em Lisboa, corvina, açorda de poejo, folha de figueira e avelã.

No domingo, haverá bifana de moreia grelhada, molho de leitão e salada montanheira, pelo *chef* João Sá, do Sála, em Lisboa; polvo de Santa Luzia grelhado no carvão, pimentos assados, pão e vinagrete de salsa, trazido pelo *chef* Luis Brito, do A Ver Tavira; e cuscuz de Vinhais com tomate e abóbora, manjericão e gelado de leitelho, pelo *chef* Vítor Matos, do Antiqvvm, no Porto.

No festival estarão ainda os *chefs* Ricardo Machado (Bairro do Avillez), Luís Gaspar (Brilhante), Maurício Vale (Soi), Inga Martin, Nuno Castro (Fava Tonka) e David Jesus (Mapa), entre outros.

E porque, como diz Gonçalo Castel-Branco, criador do *Chefs on Fire*, "é crucial destacar em todas as edições o talento das novas gerações de *chefs*", há três portugueses em destaque na categoria *Rising Star*. São eles: Leonor Godinho (Vida de Tasca), João Guedes (Flora Food & Wine) e Francesco Ogliari (Tua Madre).

Há ainda 13 espaços com sugestões de doces e salgados e música para ouvir nos concertos de Bárbara Tinoco, Buba Espinho, Capitão Fausto, Ganso, HMB, iolanda, Janeiro, Manga Limão, Rapaz Ego, Tatanka & Miguel Araújo, Riot B2B Pedro da Linha e Rita Onofre.

O recinto está aberto entre as 12.00 horas e a meia-noite, estando disponíveis bilhetes diários, que contemplam cinco doses de comida e duas bebidas, por 90 euros, e passes de três dias, que incluem 15 doses e 10 bebidas, por 230 euros.

Ainda, este ano, irá acontecer uma edição do *Chefs on Fire* em Madrid e em Foz Côa.

Diario de Noticias

PORTUGAL no Congresso

O PALACIO DA JUSTIÇA, DE MADRID

Uma obra que importou em perto de dez milhões de pesetas

UM CASO GRAVE

MENOR ASSASSINO

A POLITICA NA SERRA DA ESTRELA

UM PASSEIO DO SR. DR. VASCO BORGES

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 19 DE SETEMBRO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

EXITO DIPLOMATICO

PORTUGAL no Congresso DA UNIÃO POSTAL INTERNACIONAL

Reduziu-se a metade o porte dos livros para o Brasil, o que permitirá a expansão da nossa literatura

A diplomacia não é apenas feita pelos diplomatas; é feita, sobretudo, pelos países que eles representam. Portugal nem sempre tem conseguido fazer triunfar os seus pontos de vista, nos grandes congressos internacionais, não porque os seus representantes sejam menos zelosos ou menos habeis do que os outros, mas porque a sua acção é diminuida pela nossa politica interna, sacrificada de êrros que eles têm de justificar, diminuindo assim aquele prestigio que o nosso país deve gozar em todo o mundo.

Postas estas breves considerações, devemos dizer que são numerosos os nossos triunfos diplomaticos. A entrevista que vai lêr-se, e que é o quadro nitido e claro do Congresso da União Postal Universal, realizado em Estocolmo, desde 4 de julho até 30 de agosto, demonstra que obtivemos uma magnifica vitoria, tanto sob o ponto de vista moral, como intelectual.

Quem é o entrevistado? Não podia deixar de ser o representante de Portugal nesse Congresso, isto é, o sr. Adalberto Costa da Veiga, funcionario superior da Administração dos Correios e Telegrafos, homem cheio de inteligencia e de vontade que, em diaria comunicação telegrafica com o sr. Antonio Maria da Silva, marcou brilhantemente os seus pontos de vista, em todas as reuniões, que tiveram lugar no palacio do Parlamento sueco.

—De quatro em quatro anos efectua-se um congresso. No que se realizou em Roma, ha já alguns anos, obtivemos, além do nosso voto, como metropole, mais dois pelas nossas colonias...

—Três votos...

—Que levantaram enorme celeuma no congresso a que venho de assistir...

Adalberto Veiga

—Porquê?

—Porque estavamos e estamos em condições superiores a muitos países da Europa, que só têm um voto, pesando a nossa opinião na assembleia.

—Que pontos de vista defendeu?

—O administrador geral dos correios, sr. Antonio Maria da Silva, tinha-me confiado varias questões...

—A primeira...

—Defesa dos votos das colonias.

—Outra?

—Defesa do barateamento do porte nos livros portugueses...

—Terceira...

—Barateamento do porte dos jornais enviados para o estrangeiro.

—Depois...

—Ha ainda mais duas questões importantes. Que na Convenção a redigir ficasse claramente estabelecido que as caixas de conserva pudessem seguir para o estrangeiro como amostras, o que não tinha sido estabelecido na Convenção anterior. E por ultimo: defesa da percepção dos direitos que são cobrados sobre as correspondencias estrangeiras que transitam por Portugal.

—Importantes?

—São alguns milhares de francos-ouro.

—O que ficou resolvido?

—A questão dos votos foi logo no principio do congresso solucionada, mantendo-se o «statuo-quo ante».

—E a questão dos direitos da correspondencia em transito?

—Foi mais dificil. A sua discussão durou desde 21 de julho até 28 de agosto, sem que em nenhum deixasse de usar da palavra. Varias vezes a nossa causa esteve perdida...

—Seria curioso saber-se como interveio no assunto.

—Em 29 de julho consegui que ficasse estabelecido que o estrangeiro nos pagasse 25 centimos-ouro por cada quilo de correspondencia destinada aos Açôres e á Madeira.

—Uma grande vantagem...

—No dia 1 de agosto obtenho que ficasse consignado claramente, na Convenção, que as caixas de conserva possam seguir para o estrangeiro na qualidade de amostras.

—Outra vantagem importantissima...

—Nunca desisti. Voltei a insistir sobre os direitos de correspondencia que transita em Portugal, mas doutra maneira...

—Qual foi?

—Pretendi que o nosso serviço fosse considerado extraordinario, e, como tal, pago pelos países estrangeiros. Lutei encarniçadamente. A maioria da assembleia estava contra mim, desconhecendo em absoluto as ligações ferro-viarias da peninsula. Como sabe, em Portugal transitam quasi todas as malas postais da America. Passam por Lisboa as que a Europa envia e as que recebe.

—O que conseguiu...

—Fomos ainda vencidos. Cheguei ás sessões plenarias, tendo obtido apenas vantagens postais para os Açôres e para a Madeira. Renovei mais uma vez a questão. Foi ainda batida, mas já só por 2 votos...

—Como acabou o debate?

—Na sexta sessão—que se realizou em 22 de agosto—obtive excepcionalmente que a

(Continua na 2.ª pagina)

CARACTERISTICAS DO TEMPERAMENTO ESPANHOL

O PALACIO DA JUSTIÇA, DE MADRID

Uma obra que importou em perto de dez milhões de pesetas

Um discurso desassombrado de Primo de Rivera, lido pelo general Magaz

Uma das caracteristicas do temperamento espanhol sintetiza-se na fórmula seguinte: não fazer as coisas, ou fazê-las perfeitamente. No capitulo de reformas, poder-se-ia citar uma infinidade de casos em apoio desta observação, tais como o do Banco de Espanha, o palacio da Bolsa, a Biblioteca Nacional, o ministerio do Fomento, a Gran Via. Basta recordar os mais recentes. A Casa de Correios e Telegrafos, antigamente instalada em um velho edificio, com pouco espaço e pouca luz, sem condições para desempenhar serviços de tanta importancia como os de Comunicações, foi substituido por um palacio amplo e sumptuoso, que é a admiração dos estrangeiros que visitam esta capital. O velho Matadouro Municipal, que tem funcionado durante muitos anos junto á porta de Toledo, era indigno de uma cidade provinciana de terceira ordem; mas o que se está construindo na ponte da Princesa será um modelo de matadouros «con todos los adelantos modernos». Assim é: ou tudo ou nada!...

A fachada do Palacio de Justiça

*

Na manhã de 4 de Maio de 1915 um pavoroso incendio destruiu quasi por completo o antigo convento das Salesas Reais, onde ha bastantes anos funcionava a Justiça da capital de Espanha.

O edificio era amplo e decoroso; mas dava aquela impressão desagradavel de coisa arcaica, além de ressentir-se do inconveniente de haver sido construido para fim muito diverso daquele a que era aplicado. Na tarde do dia do sinistro, o soberano foi examinar as ruinas e disse assim: «E' preciso levantar sobre estes escombros um palacio em que a Justiça se instale dignamente».

E o novo palacio, ainda não terminado por completo, acaba de ser inaugurado, com a cerimonia anual da abertura dos Tribunais.

O acto da inauguração teve talvez menos solenidade do que seria de esperar, pela circunstancia de estar ausente, em Marrocos, o presidente do Directorio, general Primo de Rivera, que devia proferir o discurso de ritual. Este discurso, escrito pelo marquês de Estella, foi lido pelo presidente interino, general Magaz.

De todos os modos, a deusa Témis tem já um belo Templo, digno da sua augusta majestade. Todos os serviços ali estão instalados comodamente, em amplas e bem ventiladas repartições, admiravelmente iluminadas, mobiladas e decoradas com magnificencia, que não exclui a severidade propria de um palacio da Justiça. O extenso perimetro de 135.056 pés quadrados foi excelentemente aproveitado pelo arquitecto D. Joaquin Roji.

Nada falta ali para a boa instalação de um palacio da Justiça á altura de uma capital como é hoje Madrid. Além das salas dos Tribunais civil e criminal e a dos Passos Perdidos, que são verdadeiramente majestosas, ha espaçosos gabinetes para os juizes, acusador e advogados, assim como para todos os funcionarios judiciais, para as testemunhas e jurados, salas de espera para o publico, arquivos e outras dependencias necessarias á administração da justiça.

Tambem no palacio das antigas Salesas fica instalado, como antes, o Colegio de Advogados, com a sua preciosa biblioteca, bem como o de Procuradores, o «Juzgado de guardia», com os correspondentes calabouços, etc., etc.

A sala do Supremo ainda não está concluida; mas já se pode vêr que será das mais sumptuosas, a julgar pelo que está feito e planeado. Na decoração das salas intervieram os pintores Santa Maria, Garnelo, Simonet e Alcalá Galiano. Este pintou na sala dos Passos Perdidos a alegoria da lei divina, representada por Moisés, no Monte Sinai, recebendo de Deus as Táboas da lei, e outra alegoria da lei humana, com as suas diferentes fontes—Direito romano, Direito canónico, as Leis Orientais, etc.

Na decoração das diferentes salas e gabinetes abundam os artesonados dos tectos, os marmores, os bronzes, os mosaicos, os paineis, etc.

Esta obra importou em perto de dez milhões de pesetas, o que não é um exagero, considerando a magnitude, a grandiosidade e riqueza do edificio e sua decoração.

O discurso do general Primo de Rivera, lido pelo general Magaz, no acto da abertura dos Tribunais, apartou-se muito das normas seguidas até agora pelos ministros da Justiça. «Não vais ouvir de meus labios frases eloquentes nem profundos conceitos profissionais. De proposito trago aqui a voz aspera de Espanha, que reclama de todos os seus Tribunais a recta, rapida e desinteressada acção da justiça». Assim começa o discurso. E quasi a seguir acrescenta: «Creio—e á força de sincero o consigno—que quando adviemos ao Poder padecia (a justiça) graves males, e que em uma das mais caracteristicas manifestações, o juri havia chegado á cobardia, á corrupção e ao abandono em termos que envergonhavam, e que em outras, tal como a diligencia e actividade na substanciação dos processos e dos pleitos, tambem se haviam culminado a tardança e a lentidão, amparadas em procedimentos dilatorios e em fórmulas de habil e falaz manejo».

Mais adiante promete uma completa reorganização dos Tribunais, de acôrdo com uma fundamental reforma das leis e dos Códigos, de forma que a justiça seja remoçada, em harmonia com a época em que vivemos. «Nenhum avance democratico—diz o general—nem nenhum progresso scientifico nos assustará quando tenhamos a certeza de que pode ser praticado por magistrados, juizes ou cidadãos revestidos de plena autoridade e garantidos de completa independencia». E em outro lugar diz: «Terá esta (a justiça) de enaltecer-se em Espanha pela sua actuação e havemos de lograr que todos os espanhois tenham uma confiança cega na instituição que ha-de garantir-lhes a defesa dos seus direitos e o exercicio de todas as suas acções legais».

Todo o discurso está orientado neste sentido, ainda que se note no autor um delicado cuidado em não ofender a magistratura, atribuindo aos vicios da politica os males que tão desassombradamente aponta.

Madrid, Setembro de 1924.

JOSÉ MARIA SANTOS.

Um cartaz numa paragem de autocarro no Brasil agradecendo a Musk, pago por apoiantes de Bolsonaro.

NELSON ALMEIDA / AFP

Patriotas pela Europa vão propor Musk para o Prémio Sakharov

EXPRESSÃO Ideia do eurodeputado do Chega Tiago Moreira de Sá foi aclamada pela família política da direita radical.

TEXTO **LEONARDO RALHA**

Os Patriotas pela Europa irão propor Elon Musk para a edição deste ano do Prémio Sakharov, atribuído pelo Parlamento Europeu a figuras que se distinguem na luta pela liberdade e pela democracia. Por iniciativa do eurodeputado português Tiago Moreira de Sá, eleito pelo Chega, e do partido francês Reunião Nacional, aclamada pelos restantes membros da família política de direita radical, o empresário de origem sul-africana, que também tem as nacionalidades canadiana e norte-americana poderá ser reconhecido no que consideram ser o papel na defesa da liberdade de expressão enquanto proprietário da rede social X.

"A defesa da liberdade de expressão é vital para o progresso e dignidade de qualquer sociedade", escreveu ontem Tiago Moreira de Sá, justamente na sua conta no X, ao anunciar que os Patriotas pela Europa irão colocar Elon Musk entre os candidatos ao prémio que já foi atribuído pelo Parlamento Europeu a figuras como o sul-africano Nelson Mandela e o timorense Xanana Gusmão.

Ao DN, o professor universitário, que na legislatura anterior foi eleito deputado pelo PSD, disse que propor Elon Musk para o Prémio Sakharov "faz ainda muito mais sentido, pelo momento que vivemos, desde logo o ataque aos *social media* em vários países, desde o Brasil à Venezuela, passando, inclusive, por alguns elementos da União Europeia, como, por exemplo, o comissário *demitido* Thierry Breton".

Musk transformou o Twitter no X, depois de comprar a empresa, a 27 de outubro de 2022, criticando o que considerou promoção do *wokismo* e censura à liberdade de expressão por parte dos anteriores responsáveis pela rede social. O multimilionário tomou decisões como repor a conta do ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. Também adotou uma política de controlo de conteúdos que o levou a ser acusado de promover o discurso de ódio.

Cada vez mais envolvido na política norte-americana – ao ponto de Donald Trump o ter sondado como um futuro responsável pelo controlo da eficiência dos Serviços Públicos norte-americanos caso regresse à Casa Branca após as Presidenciais de 5 de novembro –, Elon Musk tem estado na mira do juiz do Supremo Tribunal Federal do Brasil, Alexandre de Moraes, que ordenou a suspensão do acesso ao X no Brasil, enquanto a empresa não nomeie um representante legal no país. Mas também está em causa a suspensão de perfis de alguns utilizadores brasileiros, nomeadamente políticos críticos da governação de Lula da Silva.

BREVES

Oito jornalistas presos na Venezuela

Várias organizações não-governamentais (ONG) instaram ontem o Governo venezuelano a libertar de imediato oito jornalistas e profissionais da imprensa que foram detidos na sequência da cobertura mediática dos protestos pós-Eleições Presidenciais. "A repressão (...) que se está a intensificar na Venezuela, já levou à detenção de uma longa lista de profissionais da comunicação social e jornalistas. Pelo menos oito pessoas estão detidas pelo Governo de Nicolás Maduro por exercerem o seu trabalho jornalístico", denunciaram as ONG num comunicado.
"O jornalismo não é um crime", escrevem.

Vacinação para a gripe e covid começa amanhã

A campanha de vacinação sazonal outono-inverno 2024-2025 começa amanhã, sexta-feira com quase cinco milhões de vacinas contra a gripe e a covid-19 disponíveis. Segundo a Direção-Geral da Saúde (DGS) "foram adquiridos 2,1 milhões de vacinas contra a covid-19 (Portugal Continental e Regiões Autónomas) e 2,5 milhões de vacinas contra a gripe para Portugal Continental (2,1 milhões dose padrão e 360 mil vacinas de dose elevada)". A DGS anunciou, sem indicar o valor do investimento, que foram "adquiridas vacinas contra a gripe e contra a covid-19 em número suficiente para todos os elegíveis".

Sobe & desce

POR **LEONÍDIO PAULO FERREIRA**

LUÍS NEVES
Seja na investigação sobre eventual mão criminosa nos fogos que estão a assolar boa parte de Portugal, seja a capturar assaltantes de ourivesarias, como ontem aconteceu na Ponte 25 de Abril, a PJ mostra uma eficácia que merece parabéns. Luís Neves, diretor nacional desde 2018, está à frente de uma instituição que é sinónimo de credibilidade.

SALVADOR ILLA
O atual líder dos socialistas catalães tornou-se conhecido de todos os espanhóis quando foi ministro da Saúde durante a pandemia. Ao tornar-se o primeiro presidente da *Generalitat* a ser recebido na Zarzuela pelo rei Felipe VI em nove anos, mostrou também ser o mais capaz para reconciliar o resto da Espanha com a Catalunha, e os catalães uns com os outros.

BENJAMIN NETANYAHU
Estamos quase a assinalar o primeiro aniversário do massacre de mais de mil israelitas pelo Hamas. Que a inevitável reação israelita seja repudiada por crescente número de países (muitos sempre hostis a Israel, mas também vários da UE, incluindo Portugal), como se viu na votação na ONU, é em grande parte responsabilidade do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu.

Conselho de Administração - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, José Pedro Soeiro, Mafalda Campos Forte **Direção** Filipe Alves (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira, Nuno Vinha e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** Nuno Silva **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600--209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt

56763
5 605290 023002